

FACULDADE VALE DO CRICARÉ  
MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL,  
EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

VICTÓRIA LACERDA

**Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços  
museais para o ensino de história – Museu Vale/ES**

São Mateus  
2016

VICTÓRIA LACERDA

**Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços  
museais para o ensino de história – Museu Vale/ES**

Dissertação apresentada à Faculdade Vale do Cricaré como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

**Área de concentração:** Educação e Desenvolvimento Regional.

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sônia Maria da Costa Barreto.

São Mateus  
2016

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

L131r

LACERDA, Victória.

Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços museais para o ensino da história – Museu Vale/ES. / Victória Lacerda – São Mateus - ES, 2016.

92 f.: il.

Dissertação (Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus - ES, 2016.

Orientação: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Sônia Maria da Costa Barreto.

1. Educação formal e não formal. 2. Museus. 3. Práticas pedagógicas. 4. Estratégias de ensino. I. Título.

CDD: 372.89

VICTÓRIA LACERDA

**RELAÇÃO MUSEU-ESCOLA: UMA ANÁLISE DA  
CONTRIBUIÇÃO DOS ESPAÇOS MUSEAIS PARA ENSINO DE  
HISTÓRIA – MUSEU VALE/ES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional da Faculdade Vale do Cricaré (FVC), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional, na área de concentração Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional.

Aprovada em 06 de Julho de 2016.

**COMISSÃO EXAMINADORA**



---

**Prof.ª Dr.ª SÔNIA MARIA DA COSTA BARRETO**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)  
Orientadora



---

**Prof. Dr. MARCUS ANTONIUS DA COSTA NUNES**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof.ª Me. LUANA FRIGULHA GUISSO**  
Faculdade Vale do Cricaré (FVC)



---

**Prof. Dr. SEBASTIÃO PIMENTEL FRANCO**  
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar agradeço a Deus, por ter me sustentado nessa caminhada, por ter me amparado em todos os momentos, principalmente naqueles em que mais precisei.

Aos meus amados pais, Vicente Lacerda e Luiza Maria Marques Lacerda, que sempre me estimularam na busca pelo conhecimento, demonstrando ser essa a melhor opção.

Ao meu irmão Ricardo Lacerda, pelos momentos de alegria na presença do meu amado sobrinho, Ricardo Lacerda Filho que, apesar de seus 8 meses, já proporciona momentos de união e de felicidade em nossa família.

À minha orientadora Professora Dra. Sônia Maria da Costa Barreto, agradeço toda generosidade, disponibilidade, dedicação, entusiasmo, apoio, todas as sugestões construtivas que me fizeram caminhar neste trabalho e, ainda, a amizade e a simpatia transmitidas ao longo do período desta dissertação.

Ao Prof. Dr. Sebastião Pimentel Franco, que contribuiu enormemente para o desenvolvimento deste estudo, com suas orientações construtivas.

A todos os professores do curso de Mestrado que, de alguma forma, contribuíram para minha formação.

À equipe educativa do Museu Vale, onde esta pesquisa foi desenvolvida, em especial à coordenadora Ruth Guedes e as mediadoras Carla e Regiane, que sempre se mostraram extremamente solícitas em atender todas as demandas apresentadas.

Aos mediadores do Museu Vale, aos professores e alunos, pela disponibilidade e boa vontade em participar desta pesquisa, pois sem vocês nada seria feito.

E a todos que se fizeram presentes de alguma forma na confecção deste trabalho,  
muito obrigada!

Ensinar não é transmitir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.

Paulo Freire

## RESUMO

VICTORIA, Lacerda. **Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços museais para o ensino de história – Museu Vale/ES**. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus. 2016.

Este trabalho traz uma pesquisa realizada com professores e alunos de diferentes níveis de ensino, que realizaram visitas ao Museu Vale nos meses de abril, maio e junho de 2016, e também com os mediadores que integram a equipe educativa dessa instituição. A pesquisa trouxe como problema norteador analisar como as relações estabelecidas entre o Museu Vale e as escolas visitantes contribuem para o processo de ensino e aprendizagem em história. Enfatizamos que o principal objetivo foi analisar o Museu Vale, utilizado por professores, alunos e mediadores como recurso de ensino e aprendizagem em história. Foi utilizado como metodologia de pesquisa a aplicação de entrevistas semiestruturadas e a observação participante. Os professores reconhecem a importância do desenvolvimento de ações educativas realizadas nos museus, porém foi constatado que esses não participam e nem interagem no momento da visitação. Todos os alunos entrevistados afirmaram que as visitas ao museu contribuíram muito para sua aprendizagem, e que desse modo, foi possível estabelecer conexões entre os assuntos/conteúdos trabalhados em sala de aula e o conhecimento apresentado pelo museu. O estudo reflete que o trabalho educativo realizado pelos mediadores do museu é de fundamental importância na condução dos alunos a apropriarem-se dos objetos culturais. O estudo infere ainda que as aulas-visitas aos museus configuram-se como um instrumento complementar das atividades propostas pela escola, onde a educação formal e informal se articulam conduzindo os alunos a construir seus conhecimentos a partir das vivências realizadas. Ao final, o estudo propõe a estruturação de oficinas destinadas à capacitação dos professores que pretendem realizar as visitas. Assim, esses profissionais podem vir a conhecer melhor os espaços e potencialidades dessa instituição, obtendo subsídios para criarem as próprias estratégias pedagógicas.

**Palavras-chave:** Educação Formal. Educação Não Formal. Museus. Estratégia de Ensino.

## ABSTRACT

Lacerda, VICTORIA. **Relation museum-school: An analysis of the contribution of the museum spaces for History teaching.** 2016. 92 f. Thesis (Masters in Social Management, Education and Regional Development) – Faculdade Vale do Cricaré, São Mateus. 2016.

This present study brings a research held by teachers and students in different education levels, who conducted visits to the Museum Vale during the months of April, May and June of 2016, and with the mediators that incorporate the educational staff of this institution. The research brought as a guiding problem to analyze how the established relations between the Vale Museum and the visitor schools contribute for the teaching and learning process in history education. We emphasize that the main purpose was to analyze the Museum Vale, used by teachers, students and mediators as a resource for teaching and learning in history. The research analyzed how the Museum Vale is used as a teaching and learning resource in History education. It used as research methodology of research the application of semi - structured interviews and the participant observation. The teachers recognize the importance of the development in the educational actions conducted in the museums, however it was verified that those do not participate and do not interact during the moment of the visitation. All the students interviewed affirmed that the visits to the museum highly contributed to their learning, and thereby, it was possible to establish connections between subjects/contents worked in the classroom and the knowledge presented by the museum. The study reflects that the educational work held by the museum mediators is of fundamental importance in the conduction of the students to take ownership of the cultural objects. The study also states that the visit classes to the museums are configured as a complementary tool to the activities proposed by the school, where the formal and informal education are articulated, conducting the students to build their own knowledge held by these experiences. At the end, the study proposes the structuration of workshops aimed to the qualification of the teachers whom intend to carry out the visits. Thus, these professionals can learn more about the spaces and potential of this institution, obtaining allowances to create their own pedagogical strategies.

**Key words:** Formal Education. Non-formal Education. Museums. Education Strategy.

## LISTA DE FOTOGRAFIAS:

<b>Número</b>	<b>Fotografias</b>	<b>Pág.</b>
<b>FOTOGRAFIA 1 -</b>	<b>MUSEU VALE. FONTE: DADOS DA PESQUISADORA.</b>	<b>42</b>
<b>FOTOGRAFIA 2 -</b>	<b>PÍER DO MUSEU VALE. FONTE: DADOS DA PESQUISADORA.....</b>	<b>42</b>
<b>FOTOGRAFIA 3 -</b>	<b>LOCOMOTIVA. FONTE: DADOS DA PESQUISADORA.</b>	<b>43</b>
<b>FOTOGRAFIA 4 -</b>	<b>MAQUETE DE FERROMODELISMO. FONTE: DADOS DA PESQUISADORA.....</b>	<b>44</b>

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>GRÁFICO 1 -</b>	NÍVEL DE FORMAÇÃO DOS MEDIADORES.....	53
<b>GRÁFICO 2 -</b>	ATUAÇÃO NO MAGISTÉRIO.....	54
<b>GRÁFICO 3 -</b>	TEMPO DE ATUAÇÃO NO MUSEU.....	54
<b>GRÁFICO 4 -</b>	RELAÇÃO ENTRE PROFESSORES E MEDIADORES ...	57
<b>GRÁFICO 5 -</b>	FORMAÇÃO ACADÊMICA .....	59
<b>GRÁFICO 6 -</b>	NÍVEL DE FORMAÇÃO .....	60
<b>GRÁFICO 7 -</b>	TEMPO DE MAGISTÉRIO .....	60
<b>GRÁFICO 8 -</b>	PLANEJAMENTO PARA A VISITA .....	61
<b>GRÁFICO 9 -</b>	IDADE DOS SUJEITOS DA PESQUISA .....	65
<b>GRÁFICO 10 -</b>	SÉRIE QUE ESTA CURSANDO .....	65
<b>GRÁFICO 11 -</b>	SEXO DOS PARTICIPANTES DA PESQUISA .....	66
<b>GRÁFICO 12 -</b>	NÚMERO DE MUSEUS JÁ VISITADOS .....	66
<b>GRÁFICO 13 -</b>	O QUE O ALUNO ACHOU DESSA ATIVIDADE .....	67
<b>GRÁFICO 14 -</b>	O QUE O ALUNO ESPERA ENCONTRAR NO MUSEU	67
<b>GRÁFICO 15 -</b>	O QUE O ALUNO ENCONTROU NO MUSEU .....	68
<b>GRÁFICO 16 -</b>	IMPRESSÃO SOBRE O MUSEU .....	68
<b>GRÁFICO 17 -</b>	O MUSEU CONTRIBUIU PARA SUA APRENDIZAGEM.	69

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CVDR -	Companhia Vale do Rio Doce
EFVM -	Estrada de Ferro Vitória a Minas
ES -	Espírito Santo
ICOM -	Conselho Internacional de Museus
MHN -	Museu Histórico Nacional
PCNs -	Parâmetros Curriculares Nacionais
SPHAN -	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ZDP -	Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES</b> .....	18
1.1 EDUCAÇÃO FORMAL.....	18
1.2 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL.....	19
1.3 PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.....	22
<b>2 EDUCAÇÃO EM MUSEUS</b> .....	25
2.1 A APRENDIZAGEM NOS MUSEUS.....	25
2.2 A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS.....	27
2.3 RELAÇÃO MUSEU x ESCOLA .....	31
2.3.1 Momentos que antecedem a visita .....	34
2.3.2 A visita propriamente dita .....	36
2.3.3 Atividades posteriores à visita .....	37
2.4 MUSEUS NO BRASIL.....	38
2.5 MUSEU VALE .....	41
2.5.1 O Setor Educativo do Museu.....	45
2.5.2 Escolas visitantes .....	47
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	48
3.1 TÉCNICA DE PESQUISA .....	48
3.2 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	51
3.3 INSTRUMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA.....	51
<b>RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	53
Mediadores do Museu Vale .....	53
Professores visitantes .....	59
Alunos visitantes .....	65

<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>72</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>75</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>79</b>
Apêndice A: Modelo de autorização – escolas .....	80
Apêndice B: Modelo de autorização – Museu Vale .....	81
Apêndice C: Entrevista mediadores .....	82
Apêndice D: Entrevista professores .....	84
Apêndice E: Entrevista alunos.....	86
Apêndice F: Proposta de Workshop – Jogo da trilha .....	88
Apêndice G: Proposta de Workshop – Caça-palavras .....	90

## INTRODUÇÃO

Atualmente desejamos que o sistema educacional seja capaz de propor uma prática educativa adequada às necessidades sociais, políticas, econômicas e culturais da realidade brasileira, que considere os interesses e as motivações dos alunos e que garanta as aprendizagens essenciais para a formação de cidadãos autônomos, críticos e participativos, capazes de atuar com competência, dignidade e responsabilidade na sociedade em que vivem (PCN, 2007).

Acreditamos que o ensino em espaços não formais pode beneficiar a construção de uma forma mais crítica e social do conhecimento pelo aluno, uma vez que as possibilidades didáticas são ampliadas e o trabalho multidisciplinar favorecido. Nessas aulas, a questão metodológica, a abordagem do tema e dos conteúdos científicos são apresentados por meio de diferentes recursos, estratégias e dinâmicas, tornando as aulas mais interessantes e significativas para os educandos.

Nessa perspectiva, o presente estudo visa contribuir para uma melhor utilização dos espaços museais presentes no município de Vitória, apresentando como problema o aproveitamento do Museu Vale, e dos recursos disponíveis nesse espaço para o ensino e o desenvolvimento de atividades na área de história. Além disso, apresentará práticas didáticas (*workshops*) que poderão ser utilizadas, contribuindo assim, para a melhoria da aprendizagem dos alunos.

Ao considerar que a educação consiste no desenvolvimento dos sujeitos e das sociedades por meio de uma prática educativa que seja capaz de contribuir para a formação de cidadãos, tal demanda vem exigindo cada vez mais da instituição escolar uma revisão dos currículos que norteiam diariamente as atividades dos profissionais da educação que atuam nas escolas brasileiras. Logo, a estruturação de novas metodologias que facilitem a compreensão do conteúdo disciplinar por parte dos educandos vem ganhando destaque dentro do ambiente escolar.

Ao procurar por métodos de ensino e recursos didáticos que coloquem o aluno como sujeito ativo do processo de aprendizagem, muitos profissionais da educação têm recorrido a espaços não formais de ensino, acreditando, dessa forma, que tais ambientes possibilitem aos alunos estabelecerem relações mais dinâmicas e significativas, relacionadas diretamente com a produção de novos conhecimentos,

envolvendo pesquisas com objetos localizados em contextos vivos e dinâmicos da realidade.

O interesse por estudar as contribuições dos espaços museais para o processo de ensino e aprendizagem surgiu a partir de práticas educativas realizadas enquanto professora da Educação Básica. Nesse período foi possível visualizar, de modo empírico, a existência de diferenças entre as aprendizagens que ocorriam somente com a utilização de livros didáticos e apostilas, e quando essas eram acompanhadas de atividades em espaços não formais de ensino, como por exemplo, os museus.

A construção do conhecimento pelos educandos requer a utilização de recursos didáticos que favoreçam o envolvimento deles, estimulem atitudes ativas e participativas e, permitam que ele se torne sujeito da própria aprendizagem. Nesse sentido, a realização de visitas aos museus tem sido um recurso bastante utilizado por professores e escolas que percebem esse espaço como um meio facilitador para o desenvolvimento da pesquisa histórica baseada em inferências e investigações. Dessa forma, o papel social dos museus é o de formação do indivíduo, percebido como um espaço de educação não formal que permite aos alunos em visita tornarem-se sujeitos da própria aprendizagem.

Ao entrarem em contato com fontes do passado, os educandos poderão desenvolver capacidades de observação e experiência cognitiva, ao passo que os objetos possibilitam o surgimento de perguntas, curiosidades, dúvidas, ideias históricas, potencializando a aquisição do conhecimento.

Nessa perspectiva, as ações realizadas pelas instituições museais em parceria com as escolas são de fundamental importância para a efetivação de um trabalho que realmente contribua para um aprendizado significativo, considerando que as especificidades de cada instituição favorecem o processo de aprendizagem dos alunos. Em contrapartida, os professores precisam participar do planejamento pedagógico da visita, organizar o tempo e preparar os alunos para o melhor aproveitamento possível, visando um trabalho em conjunto que conduza à construção de objetivos e estratégias comuns.

Este trabalho nasceu da convicção de que os museus constituem-se em espaços com grandes potenciais pedagógicos para o processo de ensino e aprendizagem. Tal ideia norteará este estudo, buscando demonstrar, com base nos

resultados obtidos, que os museus são lugares privilegiados para a ocorrência de mediações, situações essas, fundamentais para se promover aprendizagens.

Desse modo, com a presente pesquisa, pretende-se analisar como as relações estabelecidas entre o Museu Vale e as escolas visitantes contribuem para o processo de ensino e aprendizagem em história? Além disso, propõe como produto final a elaboração de atividades pedagógicas criativas para serem desenvolvidas pela equipe educativa do Museu Vale com os alunos em visita.

Dessa forma, apresentamos como objetivo geral:

- Analisar como o Museu Vale é utilizado por professores, alunos e mediadores como um recurso de ensino e aprendizagem em história.

E como objetivos específicos:

- Apresentar o Museu Vale como recurso no processo de ensino e aprendizagem em história;
- Descrever o Museu Vale, sua localização e potencialidades;
- Propor atividades utilizando esse espaço não formal para o ensino de história.

Este trabalho encontra-se dividido em três capítulos, iniciando-se com a Introdução. O primeiro capítulo apresenta uma breve discussão teórica e a contextualização do tema, por meio de considerações a respeito da educação formal e não formal e das ideias contidas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) para o ensino de história em espaços fora do ambiente escolar.

O segundo capítulo apresenta o desenvolvimento histórico dos museus, o histórico e o desenvolvimento da função educativa dos museus ao longo dos tempos, conceitos da pedagogia museal, mediação e a relação entre escolas e museus, bem como apresenta Vygotsky como um referencial teórico para o entendimento sobre a diversidade de elementos presentes na construção do conhecimento que ocorre em museus, por meio das interações sociais. Apresenta também o Museu Vale e uma breve caracterização das escolas que realizaram visitas ao museu durante o período da pesquisa.

No terceiro capítulo encontra-se o percurso metodológico utilizado no estudo; as características das pesquisas qualitativas e dos instrumentos que serão utilizados para a coleta e análise dos dados, bem como os procedimentos para a apresentação dos resultados.

Em seguida apresentam-se os resultados e as discussões obtidas por meio das entrevistas e da observação participante, onde é feita uma retomada dos assuntos e dos resultados obtidos, relacionando-os com a fundamentação teórica utilizada. Já nas Considerações Finais, retomam-se os resultados obtidos, oportunizando outras contribuições que visem à utilização de espaços não formais de ensino. E, por fim, apresentam-se duas propostas de atividades (*Workshops*) a serem realizadas no Museu Vale com os alunos visitantes.

# 1 EDUCAÇÃO FORMAL E NÃO FORMAL: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Em meados da década de 1980, os estudiosos da área educacional definiram três tipos de educação, ampliando-se, assim, o entendimento em relação a processos educativos realizados principalmente fora do ambiente escolar. A educação, enquanto instrumento de ensino e aprendizagem, passou a ser caracterizada de três formas distintas: educação formal, não formal e informal. Nos deteremos aqui ao universo das duas primeiras, necessárias e imprescindíveis para o desenvolvimento do nosso trabalho.

## 1.1 EDUCAÇÃO FORMAL

A educação é um dos requisitos fundamentais para que os sujeitos tenham acesso ao conjunto de bens e serviços disponíveis na sociedade. Assim, a escola é considerada como um ambiente da aprendizagem, necessária para o desenvolvimento de potencialidades e para a apropriação do saber social, objetivando a formação integral do homem.

A educação formal ou escolar é aquela realizada, de forma mais permanente e regular, em uma instituição constituída por uma sociedade, cuja função social é demonstrar às novas gerações a cultura produzida historicamente (MOREIRA & CANDAU, 2003).

De acordo com Gohn (2010), a educação formal ocorre dentro do ambiente escolar, com normas e padrões pre-estabelecidos, no qual os conteúdos a serem trabalhados são pautados e organizados segundo currículos e atividades sistematizadas. É o ambiente escolar, com todos os seus profissionais e as suas dependências: professores, coordenadores, salas de aula, quadras de esportes, biblioteca, pátio, cantina, refeitório.

Entre seus objetivos, destacam-se os relacionados ao ensino e aprendizagem de conteúdos previstos nos currículos e em leis específicas, com estruturas hierárquicas e burocráticas.

Na educação formal, entre outros objetivos destacam-se os relativos ao ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais se destacam o

de formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver habilidades e competências várias, desenvolver a criatividade, percepção, motricidade etc. (GOHN, 2010, p. 29).

Observa-se que a educação formal possui um caráter metódico que, usualmente exige um local específico, com horários e uma equipe especializada. As atividades possuem uma sequência e tempos de progressão, normalmente com os alunos divididos por classes de conhecimentos e idades. Espera-se que, ao final de uma aprendizagem efetiva, ocorra a obtenção de certificados que confirmam aos alunos a possibilidade de ingressar em níveis mais avançados de ensino (Gohn, 2010).

Embora a produção do conhecimento não se limite a instituições ou a lugares determinados, a escola, ou melhor, a educação formal, carrega em si a importante missão de transmitir às gerações atuais e futuras os conteúdos historicamente sistematizados, que fornecerão suporte para que o indivíduo atue na sociedade como um cidadão ativo.

## 1.2 EDUCAÇÃO NÃO FORMAL

A educação não formal ganhou notoriedade no Brasil nas últimas décadas do século XX, a partir de estudos e discussões em torno das contribuições de práticas educativas realizadas em espaços não formais de ensino, para o sucesso da aprendizagem. Tais pesquisas pretenderam demarcar os sentidos e significados dessa modalidade de educação e consolidá-la, dentro de um campo próprio, devido principalmente a suas potencialidades para responder às exigências impostas pela sociedade em relação à formação dos sujeitos em idade escolar.

Segundo Gohn (2010, p.40):

A educação não formal é um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos, para a cidadania. Esta formação envolve aprendizagens tanto de ordem subjetiva, relativa ao plano emocional e cognitivo das pessoas, como aprendizagem de habilidades corporais, técnicas, manuais que os capacitam para o desenvolvimento de uma atividade de criação, resultando um produto como fruto do trabalho realizado.

Na atualidade observamos um avanço nos debates acerca da educação que ocorre em espaços não formais, havendo respaldo na Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) que, em seu art. 1º, abrange e reconhece os processos educativos ocorridos em espaços não formais de ensino, afirmando que:

A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais (BRASIL, 1996, p. 29).

Enguita (2009, p. 25) destaca a importância do trabalho educacional realizado fora das escolas, afirmando que “[...] os conhecimentos necessários para o processo já não são mais monopólio da instituição escolar nem da profissão docente”. Assinala que é necessário estabelecer uma cooperação entre os centros de ensino e o seu entorno, criando uma relação de parceria. Segundo o autor, a educação não formal é formada por escolhas, por intencionalidades e propostas no seu desenvolvimento. Normalmente existe a figura do educador social, mas a ideia principal é a aprendizagem por meio do “outro”, baseado nas interações.

Em relação aos espaços físicos, esses são territórios fora do ambiente escolar, em que há processos interativos intencionais como, por exemplo, os museus. Nesses ambientes ocorrem situações interativas formadas coletivamente. Assim,

Usualmente a participação dos indivíduos é optativa, mas ela também poderá ocorrer por forças de certas circunstâncias da vivência histórica de cada um, em seu processo de experiência e socialização, pertencimentos adquiridos pelo ato da escolha em dados processos ou ações coletivas (GOHN, 2010, p.18).

Existe uma intencionalidade na ação, com o intuito de promover e transmitir conhecimentos. Alguns dos objetivos da educação não formal são estabelecidos previamente, outros não, justamente por serem construídos ao longo do processo de interação. Porém, todos esses objetivos procuram realizar um processo educativo que conduza os alunos a conquistar um aprendizado efetivo.

Segundo Gohn (2010, p. 19):

A transmissão de informação e formação política e sociocultural é uma meta na educação não formal. Ela prepara formando e

produzindo saberes nos cidadãos, educa o ser humano para a civilidade, em oposição à barbárie, ao egoísmo, ao individualismo.

Para Gadotti (2005), essa modalidade de educação é menos burocratizada, apresentando programas de duração variáveis, por meio dos quais se desenvolve uma aprendizagem flexível, considerando-se as diferenças culturais e históricas. Para o autor (2005, p. 02): “[...] uma das características da educação não formal é sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços”.

De acordo com Gonh (2010) a educação não formal possibilita um aprendizado relativo às diferenças entre os sujeitos, gerando respeito mútuo, trabalha com a construção de uma identidade coletiva e incorpora nos sujeitos regras éticas relativas às formas de agir socialmente.

Assim, destaca o papel fundamental dos agentes mediadores no processo de aprendizagem, estabelecendo diálogos, conflitos, construindo e desconstruindo conhecimentos. “O diálogo, tematizado, não é um simples papo ou conversa jogada fora, é sempre o fio condutor da formação” (GONH, 2010, p.51). Para a autora, um bom exemplo de educação não formal está na pedagogia utilizada por Paulo Freire, em que os educandos nos “círculos de cultura” discutiam sua realidade e promoviam o processo de ensino e aprendizagem a partir de discussões sobre questões centrais do cotidiano como: trabalho, cidadania, direitos sociais, cultura.

Para Rocha (2008, p. 62), a escola tem um papel fundamental nas ações de alfabetização científica, “[...] porém, ela não é capaz de fazer isso sozinha, uma vez que, o volume de informação é cada vez maior, por isso a importância de uma parceria desta com outros espaços onde se promove a educação não formal”. Desse modo, é necessária uma articulação entre educação formal e educação não formal, de maneira que a escola incorpore atividades de visitação a espaços de divulgação dos conhecimentos científicos.

Logo, a educação não formal permite o diálogo e valoriza a presença do outro na formação do sujeito. O conhecimento é construído em um processo interativo, por meio do qual os sujeitos trocam experiências, dúvidas, informações, aumentando seus conhecimentos e desenvolvendo suas potencialidades, complementando-se, assim, a formação escolar.

### 1.3 PCNs – PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS PARA O ENSINO DE HISTÓRIA

Os parâmetros curriculares nacionais (PCNs) começaram a serem elaborados entre os anos de 1995 e 1996 tendo como principal referência legal a Lei nº 9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), que estabelece os princípios e finalidades da educação brasileira. Tal processo foi caracterizado por amplas discussões em nível nacional, estadual e municipal, com a participação de técnicos de secretarias estaduais e municipais de educação, representantes de universidades públicas e privadas, especialistas, educadores e representantes das diversas áreas do conhecimento e da sociedade civil. (PCNs, 1998).

As teorias da psicologia social e cognitiva influenciaram diretamente a construção dos PCNs, ofertando importantes subsídios para a compreensão da necessidade da participação ativa dos alunos na construção do conhecimento. No que tange ao ensino de história isso significava estimular nos alunos atitudes ativas e interpretativas para a construção do conhecimento histórico, valorizando principalmente seus interesses e motivações.

Nesse sentido, os PCNs (1998) para o ensino de história recomendam aos professores a utilização de espaços não formais como contexto para o desenvolvimento de abordagens mais práticas, apontando os estudos do meio como uma atividade motivadora, que propicia ao estudante o desenvolvimento de conceitos, atitudes e capacidades mais ligadas ao contexto social.

É gratificante e significativo, para o professor e para os seus alunos, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola; visitar uma exposição em um museu, visitar uma fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas, etc. Essas situações são geralmente lúdicas e representam oportunidades especiais para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes, que envolvam trabalhos especiais de acesso a outros tipos de informações e outros tratamentos metodológicos de pesquisa (PCNs, 1998, p.61).

Ainda em relação aos estudos do meio, apresentam algumas sugestões para a utilização desses espaços, destacando as potencialidades dos museus enquanto instituições do conhecimento humano. Nessas atividades, cabe ao professor ressaltar junto aos alunos que os museus são espaços de preservação da

memória e de divulgação de patrimônios culturais e históricos, promovendo discussões sobre a importância e o significado social dessas instituições, apresentando-a como local de pesquisa e de produção do conhecimento. A observação e o contato com os objetos museais possibilitam aos alunos vivências e reflexões significativas sobre a história, a preservação e a memória, dando consistência e sentido à vida no presente.

Esses espaços configuram-se como recursos didáticos que favorecem o envolvimento dos alunos, estimulando o interesse e a participação.

Os museus propiciam contatos diretos com documentos históricos, incentivando os estudantes a construir suas próprias observações, interrogações, especulações, indagações, explicações e sínteses para questões históricas (PCNs, 1998, p. 90).

Além disso, promovem uma ampliação do trabalho pedagógico, que pode ser realizado com diferentes fontes históricas. Relatos orais, imagens, objetos, danças, músicas, narrativas, tornam-se importantes instrumentos para a construção do saber histórico escolar.

Ao se recuperar esses materiais, que são fontes potenciais para construção de uma história local parcialmente desconhecida, desvalorizada, esquecida ou omitida, o saber histórico escolar desempenha um outro papel na vida local, propiciando condições para que o aluno se torne um observador atento das realidades do seu entorno, capaz de estabelecer relações, comparações e relativizando sua atuação no tempo e espaço (BRASIL, 1998, p. 31).

Destacam que atividades que envolvem a história local possibilitam aos alunos compreenderem o seu entorno, identificando passado e presente nos vários contextos de socialização. Assim, sugerem aos professores trabalharem com a história local como ponto de partida para a aprendizagem histórica de maneira a possibilitar uma reflexão crítica acerca da realidade social na qual os alunos estão inseridos, contribuindo, desse modo, para a construção das identidades desses sujeitos e de seus grupos de pertença.

A questão da memória é outro ponto a ser trabalhado, realçando o papel dos museus, enquanto espaços de guarda de objetos, textos e obras de arte que foram deslocados do individual para o social, adotando novos significados, fundamentando memórias do passado. A importância social dos museus deve ser destacada, considerando que, além de um espaço de salvaguarda da memória coletiva e nacional, é também um lugar de difusão cultural e de promoção da educação.

Ademais apresentam também aos educadores algumas sugestões metodológicas de como planejar visitas aos espaços museais. Porém, é necessário que o professor desenvolva atividades anteriores e posteriores à visita, relacionando-as com os temas em estudo. Os PCNs (1998) sugerem que as visitas aos museus favoreçam o surgimento de debates em torno da preservação da memória dos mais variados grupos sociais, principalmente dos movimentos populares, das histórias das minorias étnicas, das lembranças de pessoas comuns. Ressaltam que atividades com documentos encontrados nos museus viabilizam o estabelecimento de diálogos com outras épocas e são capazes de reconstituir o passado pelo presente.

Logo, a experimentação é uma característica que deve estar presente ao longo de todo o processo de aprendizagem, uma vez que, ela possibilita aos educandos entrarem em contato com o fazer, o manusear, o agir, o operar, promovendo assim, aulas mais interessantes e significativas.

## 2 EDUCAÇÃO EM MUSEUS

### 2.1 A APRENDIZAGEM NOS MUSEUS

A teoria sócio-histórica elaborada por Vygotsky (2007) entre os anos de 1920 e 1930 do século XX destaca a importância da cultura para o desenvolvimento cognitivo do sujeito. Segundo o autor, as interações com o meio, com as mediações sociais e instrumentais, são situações fundamentais para ocorrer o processo de aprendizagem. Segundo sua teoria, a estrutura biológica da espécie não garante aos indivíduos a aprendizagem, sendo necessário que o sujeito esteja inserido em um ambiente e que realize atividades específicas que favoreçam a construção desse processo. Desse modo, para Vygotsky (2007), o desenvolvimento psíquico do ser humano ocorre por meio de ações mediadas.

Para o teórico, a linguagem (verbal, gestual e escrita) desempenha papel fundamental no processo de aquisição de conhecimentos, configurando-se como uma importante ferramenta de mediação, imprescindível para a formação do pensamento e para o planejamento das atitudes a serem tomadas. Segundo Vygotsky (2007, p. 7), “[...] a transmissão racional e intencional da experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio entre o trabalho”.

Pinto (2012, p.18) citando Vygotsky afirma que:

O aprendizado está vinculado à incorporação da fala, visto que o desenvolvimento acontece muito antes da criança iniciar sua vida escolar. A formação de um conceito inicialmente provém da relação entre o som e o significado de uma palavra. Percebe-se então, que a linguagem é a principal mediadora do sujeito com o meio e que cumpre fundamental função no processo de educação, pois sem linguagem não há aprendizagem. É por meio da linguagem que o indivíduo produz cultura; é mediante linguagem que o homem organiza o mundo simbolicamente, criando os museus, por exemplo.

Dessa forma, são as relações com os outros sujeitos, no papel de mediadores, que promovem o aprendizado. O desenvolvimento do sujeito implica necessariamente seu envolvimento em relações sociais, em um contínuo e longo processo (MARANDINO, 2008).

De acordo com Bizerra e Marandino (2014), os espaços de educação não formal são lugares privilegiados para a ocorrência de mediações que são necessárias para o aprendizado. Esses espaços são ricos em objetos, imagens, sons que provocam e despertam o interesse. Nesse contexto, as autoras apresentam as potencialidades dos museus, que são reconhecidamente espaços não formais de ensino, dotados de diversas possibilidades pedagógicas.

Segundo Bizerra e Marandino (2014, p. 127):

Existe um conhecimento social que é transformado pelo sujeito. Nos museus, ao interpretar o modelo exposto, o visitante (individualmente ou em grupo) utiliza seus conhecimentos anteriores, seus valores e crenças, sua rede de conceitos, para dar significado ao que observa. Nesta interpretação, constrói o modelo que faz sentido a partir da lógica apresentada. Por outro lado, a instituição tem um conteúdo a ser trabalhado, ela é a mediadora do conhecimento humano construído por gerações. Há um conhecimento já concretizado pela humanidade, disponível ao visitante por meio do objeto. Através dos objetos museais, o visitante tem acesso ao conhecimento historicamente elaborado e pode transformá-lo segundo a lógica que desejar, empiricamente ou teoricamente.

Outro ponto que merece destaque na teoria de Vygotsky (2007) é o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP). Segundo o autor, para que ocorra o processo de aprendizagem é necessário que a mediação social aconteça dentro de um intervalo, o qual Vygotsky chamou de ZDP. Esse conceito diz respeito à distância entre o nível de desenvolvimento atual do sujeito, caracterizado por sua capacidade em solucionar problemas individualmente, e o nível de desenvolvimento potencial, caracterizado pela necessidade da mediação com seus pares mais capazes para resolução de problemas.

Assim segundo Bizerra e Marandino (2014, p.128) :

A ZDP pode ser considerada como a distância entre as habilidades de resolução de problemas de um indivíduo que visita o museu sozinho e suas habilidades quando está em grupo ou, ainda, entre as habilidades de um grupo de visitantes quando interage somente entre seus integrantes e quando resolve problemas com a ajuda de um educador de museu, um mediador presencial. Nesse sentido, vale ressaltar a importância de se organizar o discurso expositivo de forma a contemplar os diferentes modos de apropriação utilizados pelos visitantes, disponibilizando, por exemplo, aparatos que permitam a interação do grupo (e não somente do indivíduo) e estratégias variadas de mediação presencial.

Podemos considerar que a teoria histórico-cultural fornece importantes subsídios que dão sustentação para o desenvolvimento de práticas educativas em instituições museais, bem como reconhece os processos interativos como fundamentais para a construção do conhecimento.

## 2.2 A FUNÇÃO EDUCATIVA DOS MUSEUS

Atualmente, os museus são considerados importantes fontes de conhecimento e de cultura de uma sociedade. Além das funções de preservar, conservar, expor e pesquisar, os museus adquiriram ao longo dos tempos, características de uma instituição voltada para a produção e a socialização do conhecimento.

Desde a sua origem os museus sofreram diversas transformações ligadas às suas finalidades e aos modos de se relacionar com sociedade. De acordo com Abud, Silva e Alves (2011) a palavra 'museu' vem de "musa" e está relacionada às nove musas dotadas de grande criatividade e memória, filhas de Zeus – deus supremo- e Mnemósine – a deusa da memória, que os gregos em sua mitologia consideravam “filhas da memória”.

O Mouseion, ou casa das musas, inspirou a criação do Mouseion de Alexandria por Ptolomeu Filadelfo no século III a.C. com o objetivo de salvaguardar as obras construídas pela humanidade, de modo a garantir um saber enciclopédico sobre filosofia, ciências e artes. Além da atribuição de templo, esse espaço caracterizava-se por ser local de pesquisa restrito a filósofos, artistas e cientistas.

Entre os romanos, as coleções adquiriram valor pelo significado de poder – político, econômico e artístico. Era comum nesse período competições entre as raras e belas coleções pertencentes aos romanos considerados das altas classes.

No período medieval, o colecionismo se direcionou para o sagrado, sendo o encanto dos objetos sua intocabilidade. Defendiam a ideia de que os sujeitos deveriam viver livres dos bens materiais e despojá-los em favor da igreja. Assim, esta se tornou a grande receptora de grandes doações, verdadeiros tesouros artísticos e financeiros.

Durante a Idade Média foram os príncipes e os mercadores que formaram as primeiras coleções privadas, compostas por pedras preciosas, manuscritos, relíquias, joias, livros, mapas e especiarias.

Durante os séculos XVI e XVII surgiram os gabinetes de curiosidades, que se caracterizavam por serem grandes salões destinados a reunir uma variedade de objetos e espécimes: bustos, imagens religiosas, objetos de arte e artefatos indígenas, cujo público limitava-se inicialmente aos eruditos que se reuniam para apreciar os objetos e debater sobre as descobertas realizadas. Tais espaços foram desaparecendo ao longo dos séculos XVIII e XIX sendo substituídos por instituições oficiais e pelos museus modernos, que absorveram por meio de doações, grande parte dos acervos presentes nesses ambientes.

As mudanças sociais, políticas e econômicas ocorridas na sociedade entre os séculos XVII e XIX refletiram diretamente na organização dos espaços museais. De forma lenta nesse período, os museus começaram a permitir o acesso do grande público aos seus espaços, independente do seu nível social, educacional e etário.

De acordo com Valente (2008), a mudança mais substancial ocorreu nas últimas décadas do século XX, onde os espaços museais assumiram de forma explícita sua função social, impulsionados principalmente pelas mudanças ocorridas dentro do campo da museologia. O foco mudou das coleções para o público em geral, que ganhou destaque no planejamento das ações. Assim, o museu ficou a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. Segundo Abud, Silva e Alves (2011, p. 127):

O museu é um espaço complexo, no qual convergem diferentes dimensões e processos da produção de conhecimento: coleta, pesquisa, conservação [...]. Como espaço de produção de conhecimentos aberto ao público, sua função é adquirir, conservar, pesquisar, comunicar e exibir evidências materiais do homem e de seu ambiente para fins de pesquisa, educação e lazer. Assim, o papel social dos museus é definido, na atualidade, por sua função educativa.

Desse modo, no século XXI, os museus passam a serem considerados instituições potencialmente educativas, que vêm se consolidando e se fortalecendo como espaços de produção, educação e divulgação do conhecimento. Allard e Boucher (1991), citados por Marandino (2008), caracterizam o desenvolvimento histórico da função educativa dos museus a partir de três momentos.

A primeira etapa ocorreu com a criação e inserção dos museus em instituições formais de ensino, nesse caso, as universidades. Um exemplo desse modelo de museu foi o *Ashmolean Museum* da Universidade de *Oxford*, fundado em 6 de junho de 1683, que marcou o início da era dos museus públicos, com a abertura de suas portas para a população em geral. A coleção do *Ashmolean Museum* foi inicialmente constituída pelos objetos de Elias Ashmole que doou toda a sua coleção particular à Universidade de *Oxford* em 1677.

Nesse período ganhou destaque os gabinetes de curiosidades, que apresentavam ao público, de forma desorganizada e sem critérios científicos definidos, um aglomerado de vários objetos de diferentes áreas (quadros, fósseis, moedas, instrumentos científicos). Assim, restava ao público em geral, diante dos objetos apresentados em caixas de intocáveis, contemplar passivamente as coleções.

A segunda etapa de construção da função educativa dos museus começou nos fins do século XVIII com a diversificação e o aumento do público visitante. Nesse contexto, o espaço museal passa a ser visto como um lugar de produção do conhecimento, em que o público em geral iria para desenvolver suas capacidades. Nesse período, os museus ganharam destaque na sociedade, ampliando-se em espaço e número.

Em 6 de julho de 1808 inaugurou-se o primeiro museu brasileiro no município do Rio de Janeiro, que posteriormente tornou-se o Museu Nacional. Esse espaço destinou-se inicialmente a exposições de ciências naturais e estimulou a construção de outros museus no Brasil como, por exemplo, o Museu Paraense Emílio Goeld, em Belém, no ano de 1866.

Nesse momento, influenciados pelas discussões que ocorriam nos museus ingleses acerca da importância pedagógica das visitas de estudantes, os museus brasileiros iniciaram as primeiras reflexões sobre o seu papel educacional.

A terceira e última etapa da construção da função educativa dos museus no Brasil ocorreu de modo significativo a partir da segunda metade do século XX, influenciada por discussões que aconteciam na Europa e nos Estados Unidos e que defendiam a ideia de centros de ciências interativos, apoiados nos fundamentos das teorias cognitivistas da educação e no aprender fazendo. Nesse momento, enfatizavam a necessidade da ação dos sujeitos no processo de construção do

conhecimento e a aprendizagem começou a ser encarada como um processo dinâmico que requer a interação constante entre o sujeito e o ambiente.

A preocupação central direcionou-se para a transmissão de conceitos científicos, de modo que os visitantes pudessem entender e apreciar o que estavam visualizando, em detrimento a simples contemplação dos objetos. A preocupação com a comunicação ampliou-se e os acervos, antes expostos em sua totalidade e de maneira descontextualizada, foram substituídos por seleções representativas de uma temática.

Assim, houve um aumento na reflexão acerca dos processos educativos desenvolvidos nos museus, de modo a identificar as várias potencialidades desse espaço para a construção dos conhecimentos.

A ação educativa nos museus é pensada e realizada para cooperar com o seu desenvolvimento, contribuir para o seu aprimoramento e facilitar o seu reconhecimento enquanto sujeito social, pois é através de uma ação educativa que o contato do público com o bem cultural é potencializado, contribuindo assim para os processos de construção de conhecimentos, que caracterizam o desenvolvimento do ser humano (FIGURELLI, 2011, p. 119).

Os museus adquiriram ao longo dos anos novas funcionalidades, ligadas a aspectos educativos e culturais. Inicialmente ligados à conservação e exposição de objetos, tais espaços passaram a ser compreendidos como instituições de produção, educação e divulgação do conhecimento, cujo papel social é o de contribuir para a formação do indivíduo, permitindo a esse se tornar sujeito do seu processo de aprendizagem.

Logo, diante dessas novas demandas sociais, muitos museus organizaram e estruturaram setores educativos dentro de seus espaços. Normalmente constituídas por pedagogos, estagiários, museólogos e mediadores, tais equipes buscam estabelecer com o grande público, especialmente com o público escolar, uma comunicação relacionada aos acervos presentes nos espaços museais, de modo a lhe conferir significado (Machado, 2009).

De acordo com Monaco (2013, p. 16), para que esse trabalho propicie uma experiência de visita como um processo interpretativo, em que cada sujeito construa seus significados em relação à exposição, “é necessário que os educadores

conheçam minimamente temas relacionados às teorias de aprendizagem e comunicação”.

Para Marandino e Monaco (2015), os educadores dos museus são responsáveis por desenvolver, aplicar, avaliar e reconstruir ações e programas direcionados a diferentes públicos, considerando as condições intrínsecas a cada instituição. “Essa peculiaridade pode ser notada nas equipes em suas formas de se organizar, de se relacionar, de pensar na ação educativa e de responder às demandas e aos problemas de origens internas e externas” (Marandino e Monaco, 2015, p. 70).

Assim, as práticas educativas realizadas nos museus precisam possuir um caráter reflexivo, necessitando de uma integração entre o conhecimento teórico e às práticas cotidianas desenvolvidas, portanto:

Pode-se afirmar que independente da tipologia do museu e da qualificação de seus educadores, o fazer educativo nesses locais é complexo e merece ser compreendido para além do foco exclusivo nas tarefas e procedimentos, pautando-se também na experiência, na ação, nos processos de pensamento e nas suas interdependências (Marandino e Monaco, 2015, p.71).

Os setores educativos dos museus mobilizam em suas práticas vários conhecimentos, valores e habilidades, construídas a partir das vivências, da formação acadêmica de seus integrantes e dos debates produzidos pela equipe. Desse modo, tais saberes são fundamentais para o estabelecimento de uma comunicação museológica satisfatória, que conduza os sujeitos a se apropriarem dos objetos culturais, gerando novas e diversas significações, de acordo com a interpretação de cada indivíduo.

### 2.3 RELAÇÃO MUSEU X ESCOLA

Os espaços museais são ambientes educativos que proporcionam aos alunos em visita materialidades e oportunidades de simbolização que não são encontradas na escola. “E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade.” (SIMAM, 2007, p. 37)

De acordo com Abud, Silva e Alves (2011), nos museus os objetos são organizados e expostos de modo a promoverem uma “viagem no tempo”. A exposição museológica é capaz de construir uma narrativa por meio de variadas perspectivas, possibilitando aos visitantes chances de pensar, explorar, investigar e elaborar suas próprias interpretações. Segundo Abud, Silva e Alves (2011, p. 136):

Visitar museus é um exercício de cidadania, pois possibilita o contato com temas relativos à natureza, sociedade, política, artes, religião. Leva a conhecer espaços e tempos, próximos e distantes, estranhos e familiares, e a refletir sobre eles: aguça a percepção por meio da linguagem dos objetos e da iconografia, desafia o pensamento histórico com base na visualização das mudanças históricas, permitindo repensar o cotidiano.

Os museus possuem a intenção de educar, seja por meio da transmissão de informações diretas ao público ou por meio de contribuições para a construção das identidades dos sujeitos. Segundo Pacheco (2012, p. 65):

Do ponto de vista pedagógico o museu é o local onde se realiza tanto a pesquisa sistemática sobre o assunto que ele expõe como o espaço de sensibilização do público para determinados temas e assuntos. Do ponto de vista didático o museu serve tanto ao ensino dos conteúdos factuais, possibilitando a coleta e sistematização de informações pontuais, como aponta para o desenvolvimento das habilidades e da sensibilidade de cada visitante.

Para Compagnoni (2009), a ida ao museu propicia aos estudantes o aprendizado da pesquisa histórica baseado na investigação, na inferência e no raciocínio. Nesse espaço os alunos tem a oportunidade de se tornar protagonistas do seu processo de aprendizagem, e não meros receptores de informações. Segundo Compagnoni (2009, p. 45), “[...] o objeto museal sugere perguntas, fatos, relações passado/presente/futuro, ideias históricas e, dessa forma, potencializa o conhecimento significativo de um determinado período histórico”.

De acordo com Marandino (2008), atualmente o público escolar é o que mais realiza visitas aos museus no Brasil. Muitos alunos terão o primeiro contato com os museus, e muitas vezes o último, por meio das visitas organizadas pela escola. Nessas visitas é fundamental estabelecer uma interação pedagógica entre museus e escolas, de forma a esclarecer os objetivos de cada uma dessas instituições. Aos professores, um conhecimento sobre as linguagens e as práticas próprias do espaço museal, e aos educadores do museu, os objetos e necessidades da escola.

É necessário que escola e museus dialoguem, buscando uma relação de parceria. É comum que escolas e museus trabalhem com concepções e métodos de trabalho baseadas em diferentes perspectivas. Conhecer as especificidades de cada instituição favorece o processo de aprendizagem dos alunos. Os professores precisam participar do planejamento pedagógico da visita, visando um trabalho em conjunto que conduza à construção de objetivos e estratégias comuns.

Almeida e Vasconcellos (2006) destacam que para ocorrer um processo educativo dentro de um espaço museal não basta apenas realizar uma visita. É necessária a adoção de uma postura reflexiva sobre as ações, buscando compreender as diversas mensagens que estão sendo transmitidas pelos objetos expostos, pelo próprio museu, e assim, construir novas significações.

Buscando uma sequência didática para a estruturação dessa parceria entre as equipes pedagógicas do museu e a escola, Pacheco (2012) propõe a configuração de um roteiro, dividido em três momentos distintos, com a finalidade de contribuir para a realização de planejamentos e reflexões de atividades envolvendo os espaços museais e as instituições escolares.

Segundo Pacheco (2012, p. 68):

O planejamento para o uso didático do museu na sala de aula deve estar atento e prever, inicialmente, a vinculação dos conteúdos estudados à exposição que será visitada, segundo, a realização da visita com uma programação definida e, de volta à sala de aula, a utilização da experiência vivida no museu para a realização de uma produção cultural.

Um bom planejamento das ações educativas a serem realizadas no museu tem início com a visita prévia do professor a essa instituição, de modo a conhecer o local e assim planejar as atividades que serão desenvolvidas com os alunos. Muitos museus possuem um setor educativo que pode auxiliar o professor na maneira de explorar o espaço, oferecendo inclusive algumas opções de atividades que podem ser desenvolvidas com os alunos logo após a visitação. Segundo Libâneo (2008, p. 222), a ação de planejar:

Não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente de previsão das ações docentes, fundamentais em opções político-pedagógicas, e tendo como referência permanente as situações didáticas concretas.

Considerando que o espaço museal apresenta várias possibilidades para o desenvolvimento da ação educativa, cabe ao professor no seu planejamento definir quais elementos serão focados ao longo da visita, ou seja, o tema a ser tratado, as informações relevantes e as ações que devem ser realizadas pelos alunos. A análise do espaço físico do museu também deverá ser realizada de modo a se pensar na logística da visita, como a existência de estacionamento, locais para a realização de lanches e o percurso que os alunos deverão realizar caminhando.

De acordo com Pacheco (2012, p. 69):

A qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida para o aluno.

Logo, espera-se que da parceria entre museus e escolas surja a possibilidade dos alunos estabelecerem uma atitude positiva e uma prática autônoma de visita aos museus. Nesse sentido, é extremamente necessário que professores e museus dialoguem, buscando a construção de objetivos e estratégias de interação que resultem em um plano de trabalho comum.

### 2.3.1 Momentos que antecedem a visita ao museu

Antes da visita ao museu devem ser realizadas as atividades de preparação, que servirão para motivar o aluno a realizar a visita, favorecendo o domínio dos conhecimentos sobre o tema que será visto, e para a aquisição dos instrumentos necessários para a interpretação e a compreensão do espaço museal.

Para Pacheco (2012), a visita ao museu inicia-se dentro da sala de aula, em um momento anterior à visita, de modo a direcionar a atenção dos alunos para o que será visto, potencializando assim a experiência vivida pelo aluno.

Para Pacheco (2012, p. 72):

A própria mobilização prévia dos alunos antes da visita já configura-se como um aprendizado sócio-histórico, um aprendizado sobre como os grupos sociais percebem e se organizam para a realização de trabalhos coletivos e como cada indivíduo se organiza na dimensão temporal.

O professor deve elaborar atividades didáticas relacionadas com os conteúdos que serão vistos no período da visita, de modo a levar os alunos a reconhecerem o museu como um espaço voltado para a produção de conhecimentos. Atividades que promovam debates sobre a exposição a ser visitada, indagações, questões, o uso de livros e materiais disponibilizados pelo próprio museu são excelentes instrumentos que poderão ser utilizados.

Nesse momento o objetivo é despertar nos alunos interesse e curiosidade sobre o que será visto, e cujas respostas serão obtidas na visita ao museu. Cabe ao professor nesse momento trabalhar aspectos técnicos e informações organizacionais da instituição, como a contextualização do museu, suas finalidades e características, o horário de funcionamento, organização do museu (Marandino, 2008).

Pacheco (2012) propõe a estruturação de um cronograma das atividades que serão desenvolvidas, que deve englobar tanto os horários combinados para cada atividade, como: a hora de encontro na escola, hora de saída do ônibus, hora do retorno, quanto para os conteúdos que serão vistos. Além de contribuir para a organização das atividades, a estruturação de um cronograma também trabalha com os alunos a noção de processo histórico e tempo. Para Pacheco (2012, p. 74), “[...] a descrição das ações pretendidas e sua posterior realização permitem a reflexão coletiva sobre a dimensão temporal e as estratégias utilizadas para representá-lo, como a linha de tempo e o roteiro de viagem”.

É importante que o professor estabeleça com a turma a confecção de um produto final para ser apresentado no momento posterior à visita. Assim, é importante definir a forma de registro a ser utilizada ao longo da visita, considerando que o museu deve ser explorado como uma fonte de conhecimentos. Esse produto final poderá se basear na produção de relatórios, fichas de registros e/ou fotografias.

A elaboração de um relatório pode ser proposta para os alunos, desde que ocorra a delimitação de um foco, evitando-se assim um trabalho cansativo e desnecessário por parte dos alunos.

A utilização de fichas para observação também se configuram como um excelente recurso. Nessa atividade, os dados a serem coletados pelos alunos ao

longo da visita são definidos previamente e podem ser usados posteriormente para a criação de um catálogo a ser utilizado em uma exposição.

É possível também que os diversos momentos da visita sejam registrados com a utilização de câmeras fotográficas: o momento da saída dos alunos da escola, a chegada ao museu, a visita propriamente, o momento do lanche, o retorno para a escola. Tais fotografias poderão formar painéis retratando os diferentes momentos e características da visita.

### 2.3.2 Visita ao museu

No dia da visita é necessário que alguns princípios sejam observados, visando uma boa organização e aproveitamento pedagógico. Nesse momento é necessário disciplina, tanto para se colocar em prática o que foi pensado anteriormente quanto para manter o grupo unido. A visita começa com a chegada do grupo ao museu e sua acolhida pelo setor educativo da instituição, que passará orientações relativas ao trajeto a ser realizado, as regras de comportamento e os conteúdos a serem abordados.

A visita deve ser encarada como um momento de estudos. É fundamental que os alunos tenham clareza dos objetivos da visita e que as atividades a serem desenvolvidas sejam específicas dos museus. De acordo com Marandino (2008, p. 2) “[...] a observação de objetos, o estímulo à curiosidade sob ângulos diversos e o toque nos objetos, quando possível, devem ser estratégias recorrentes dentro de uma prática pedagógica no museu”.

A presença do professor junto ao grupo no desenvolver da visita é de extrema importância, pois além de auxiliar os alunos na elaboração das atividades propostas também servirá de modelo aos estudantes, ao demonstrar a importância de acompanhar a visita. Segundo Abud, Silva e Alves (2011, p.139):

O “sucesso” da visita é de responsabilidade do professor. Mesmo que a instituição possua mediadores ou guias, estes não substituem o papel do docente na organização e mediação dos momentos de descobertas, análises e dúvidas que os alunos vivenciam durante a visita.

A visita deve ser considerada como um momento de aprendizagens múltiplas, e não como uma simples atividade para memorização dos fatos. As

atividades precisam ser lúdicas e momentos de relaxamento previstos no roteiro, onde os alunos possam circular livremente pelas exposições, fazendo assim, suas próprias interpretações (Marandino, 2008). Vale ressaltar que alguns museus oferecem atividades pedagógicas logo após a visita, tais como jogos e oficinas de desenhos relacionados à exposição. É importante o professor se informar previamente sobre tais possibilidades didáticas.

### 2.3.3 Atividades posteriores à visita

A visita realizada pelos alunos ao espaço museal deve ser trabalhada na aula seguinte, utilizando os registros feitos ao longo da visita. Os dados obtidos antes e durante a visita devem ser comparados, buscando-se, assim, responder aos questionamentos surgidos. Segundo Marandino (2008, p.26):

Os dados serão integrados em um todo coerente que apresentará as respostas aos questionamentos prévios. Inserindo os dados coletados no museu dentro do processo de formação dos alunos, a visita perde seu caráter isolado e episódico, passando a integrar as atividades escolares em um todo contínuo e permanente de aprendizagem.

O roteiro baseado na linha do tempo, que foi desenvolvido nas aulas anteriores à visita, poderá ser retomado, de forma a trabalhar com os alunos a percepção da dimensão temporal na qual os fatos históricos ocorrem.

Segundo Pacheco (2012, p. 78), deve-se trabalhar com os elementos elaborados nas aulas anteriores e posteriores à visita, construindo um produto final concreto, que pode ser um cartaz, textos, apresentações teatrais, exposições com os registros da visita, “[...] o sentido deste momento é utilização na escola da própria linguagem museológica como suporte para a comunicação do que foi vivido e aprendido durante a atividade”.

Desse modo finalizamos uma atividade e estimulamos em outros grupos o interesse por futuras visitas aos museus, enfatizando a importância da organização e do planejamento, fundamentais para se alcançar os objetivos previstos.

## 2.4 MUSEUS NO BRASIL

As primeiras instituições museológicas no Brasil datam do início do século XIX. O primeiro museu brasileiro foi o Museu Real, atual Museu Nacional, e foi criado por D. João VI em 6 de junho 1808 com base no acervo da Casa dos Pássaros, antiga Casa de História Natural, criada em 1784 pelo Vice-Rei D. Luiz de Vasconcellos e Sousa. Tinha, como principal objetivo propagar o conhecimento e o estudo das ciências naturais em terras brasileiras. De acordo com Santos (2004, p. 55), “[...] este primeiro museu brasileiro de história natural seguiu os critérios da universalidade do conhecimento, também presentes entre os grandes museus de história natural que se consolidavam na Europa”.

Segundo Domingues e Sá (1996, p. 80), desde o início do seu funcionamento o Museu Nacional desempenhou uma função ligada à geração e divulgação dos conhecimentos científicos, baseadas na oferta de cursos populares inaugurados em 1876 e na manutenção permanente de suas exposições, “[...] existia uma preocupação em tornar as suas aulas assimiláveis, lançando mão de material didático diversificado, com o uso de espécimes, murais e um projetor de imagens”.

O museu também procurou articular-se com as instituições de ensino do império por meio da oferta de seus espaços para o desenvolvimento de aulas práticas e pela doação de material mineralógico, botânico e zoológico às escolas. Entre as atribuições do museu incluía-se a profissionalização de naturalistas e o desenvolvimento de expedições científicas pelo Brasil, o que caracterizou o papel de construtor da identidade nacional.

De acordo com Oliveira (2013, p. 24):

Os saberes construídos por essas expedições e por outras pesquisas realizadas no interior do Museu foram pautas, inúmeras vezes, dos cursos e palestras populares ministrados por seus naturalistas, exercendo a instituição, dessa forma, um papel formativo relevante.

Para Sily (2012, p. 339), as práticas educativas promovidas pelo Museu Nacional ao longo do século XIX e das primeiras décadas do século XX contribuíram para difundir:

O pensamento iluminista, racional e científico como forma mais acabada de explicação dos fenômenos naturais e sociais,

apresentando interpretações e explicações que diferiam das práticas ordinárias consideradas como misticismo, feitiçaria ou bruxaria.

Inaugurado oficialmente em 12 de outubro de 1922, outro importante Museu da história brasileira foi o Museu Histórico Nacional (MHN). Segundo Julião (2006), o MHN rompeu com a tradição enciclopédica, inaugurando um modelo de museu ligado à história, à pátria, destinado a elaborar, por meio da cultura material, uma representação da nacionalidade. Nessa instituição, o acervo deixava de ser constituído por elementos da natureza e passava a constituir-se de objetos que representavam a história da nação.

O MHN foi planejado com o objetivo de educar o povo, por meio do ensinamento dos fatos e personagens do passado, de modo a incentivar o culto à tradição e a formação cívica, vistos como fatores de coesão e progresso da nação.

De acordo com Julião (2006, p. 22), o MHN serviu por um longo período como modelo para a estruturação de outras instituições museológicas surgidas no Brasil ao longo do século XX.

O Museu Histórico Nacional acabou constituindo-se em órgão catalisador dos museus brasileiros, cujo modelo foi transplantado para outras instituições. Contribuiu para isso a instalação do curso de museologia, criado sob a orientação de Gustavo Barroso, que funcionou no próprio MHN entre 1922 e 1979, formando profissionais que atuaram na área em todo o país.

Observamos que o Museu Nacional e o Museu da História Nacional, importantes museus construídos no início do século XX no Brasil, já possuíam em sua origem uma preocupação com as práticas educativas. Inicialmente mais ligados a questões técnicas, como a sessão dos espaços e doação de material às escolas, esses espaços foram adquirindo ao longo do tempo novas perspectivas educacionais, acompanhando as demandas impostas pela sociedade.

Em meados de 1937 instituiu-se no Brasil o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que representou um marco no processo de institucionalização de uma política para o patrimônio cultural no país. Assim, buscava-se construir uma identidade baseada em uma cultura brasileira, o que significava valorizar o passado e as tradições nacionais, em um esforço de conciliação do antigo com o novo.

Nesse contexto, os museus poderiam se tornar espaços de preservação da cultura do povo e exercer importante função educativa. Assim, foi proposto a criação de quatro grandes museus: arqueológico e etnográfico, histórico, das belas artes e das artes aplicadas à tecnologia industrial.

Porém, segundo Julião (2006, p. 22), a prática do SPHAN “[...] seguiu uma trajetória distinta daquela idealizada, pois “[...] o órgão oficializou um conceito de patrimônio restritivo, associado ao universo simbólico das elites [...]”.

Os debates envolvendo a questão do patrimônio cultural no Brasil e no mundo repercutiram diretamente nas instituições museológicas. A partir da década de 1960, os museus iniciaram um processo de reformulação de suas estruturas, buscando adequar suas atividades com as novas demandas da sociedade. De acordo com Julião (2006, p. 25):

Os museus deixam de serem espaços consagrados exclusivamente à cultura das elites, aos fatos e personagens excepcionais da história e passam a incorporar questões da vida cotidiana das comunidades, a exemplo das lutas pela preservação do meio ambiente e da memória de grupos sociais específicos. Atuando como instrumentos de extensão cultural, desenvolvem atividades para atender a um público diversificado – crianças, jovens, idosos, deficientes físicos – e, ao mesmo tempo, estendem sua atuação para além de suas sedes, chegando às escolas, fábricas, sindicatos e periferias das cidades.

Em maio de 1972, a Unesco promoveu a Mesa Redonda de Santiago do Chile, que representou um marco no processo de renovação da museologia. Nessa perspectiva, novas práticas e teorias sinalizavam a função social do museu, contrapondo-se à museologia tradicional que elegia o acervo como um valor em si mesmo e valorizava os acervos em uma perspectiva unicamente conservacionista. Desse modo, os museus passariam de lugares consagrados ao saber dogmático para espaços de reflexão e debates, ajustados aos interesses e às demandas reais das comunidades.

Essas novas orientações afirmavam o compromisso do museu com uma concepção antropológica de cultura, de caráter abrangente, compreendida como um sistema de significações que permite comunicar, reproduzir, vivenciar um modo de vida global distinto, e que está envolvida em todas as formas de atividade social.

A partir da década de 1980, seguindo uma tendência internacional, o Brasil vivenciou um aumento significativo no número de museus em seu território. Resultado da segmentação da sociedade, os museus se especializaram e se tornaram temáticos e biográficos, atendendo as demandas de diversos grupos sociais.

Como aponta Julião (2006, p. 26), os museus adquiriram novos princípios e práticas, que conferem a essas instituições um caráter dinâmico, de centros de informação, lazer e de educação do público. Hoje, de acordo com o Conselho Internacional de Museus (ICOM), por meio do seu estatuto aprovado na 21ª Conferência Geral do Conselho Internacional de Museus em Viena, na Áustria, em 2007, o museu configura-se como sendo:

[...] instituições sem fins lucrativos, permanentemente a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, abertas ao público, que adquirem, conservam, pesquisam, comunicam e expõem o patrimônio tangível e intangível da humanidade e seu meio ambiente para fins de educação, estudo e diversão.

Logo, os museus se transformaram profundamente desde sua criação, refletindo mudanças ocorridas na própria sociedade. Um dos avanços mais significativos ocorreu com o surgimento dos museus temáticos, possibilitando assim, que diversos segmentos da sociedade mantivessem vivas suas memórias coletivas e nacionais.

## 2.5 MUSEU VALE

O Museu Vale, conforme ilustra a fotografia 1 retirada em julho de 2016, foi inaugurado em 15 de outubro de 1998, após um projeto de restauração iniciado em agosto de 1996. Medindo 1.183,00 m<sup>2</sup> de construção, o museu está localizado às margens da Baía de Vitória, no município de Vila Velha, no Estado do Espírito Santo, na antiga sede da Estação São Carlos, construída em 1927, mais tarde denominada de Estação Pedro Nolasco (1935), em homenagem ao engenheiro que idealizou a estrada de ferro Vitória a Minas (EFVM).



Fotografia 1 - Entrada principal do Museu Vale  
Fonte: Dados da pesquisadora

Além de materializar a memória da quase centenária EFVM, o Museu Vale contempla a valorização das artes, o desenvolvimento de práticas educativas e culturais e o estímulo à pesquisa.

O acesso ao Museu Vale pode ser feito por via terrestre ou marítima. O acesso terrestre ocorre pela rua Anézio José Simões, passando a Guarita do museu e percorrendo um trecho em linha reta com cerca de 3 quilômetros até alcançar o prédio da instituição. Já o Marítimo, conforme demonstra a Fotografia 2, ocorre pela Baía de Vitória, com desembarque em um píer localizado em frente ao museu.



Fotografia 2 - Píer do Museu Vale  
Fonte: Dados da pesquisadora

O Museu Vale possui arquitetura basicamente neoclássica e *art nouveau*. O prédio do museu é composto de três pavimentos, onde estão organizados o acervo museológico e a parte administrativa da instituição.

Em frente ao prédio, (Fotografia 3), há uma locomotiva a vapor, fabricada em agosto de 1945 nos Estados Unidos, estando atualmente em perfeitas condições .



Fotografia 3 - Locomotiva  
Fonte: Dados da pesquisadora

No pavimento térreo, além da locomotiva, encontra-se a recepção, a administração, a biblioteca (aberta para pesquisa com horário previamente marcado), a reserva técnica (local onde se guardam as peças que não estão em exposição, mas que estão catalogadas como acervo), os banheiros, a *Boutique* (na qual são vendidos *souvenirs*) e a sala multimeios (para apresentação de vídeos, palestras, debates e reuniões).

No primeiro pavimento começa a apresentação do acervo permanente, que conta a história da EFVM, por meio de três salas: sala da construção, da manutenção e das estações.

A sala da construção retrata o início da estrada de ferro, as dificuldades enfrentadas pelos trabalhadores, os antigos processos de carregamento e o descarregamento de minério de ferro, bem como a fase pós Segunda Guerra Mundial, com a criação da Companhia Vale do Rio Doce (CVRD).

Na sala da manutenção é possível conhecer o passado e o presente da conservação da EFVM, por meio de moldes de peças de locomotivas, fotografias das antigas e atuais oficinas de locomotivas e ferramentas utilizadas na manutenção da via e das locomotivas e vagões.

A sala das estações retrata o universo das antigas estações ferroviárias, apresentando fotos e peças como: bilheteria, quepes, uniformes, o telégrafo que era utilizado como meio de comunicação, lampiões para iluminação, lanternas para sinalização noturna, banco de carro de passageiros, porta de vagão, relógios antigos, sinos da plataforma de embarque de passageiros, todos originários de antigas estações da EFVM.

No segundo pavimento, encontramos a sala de exposições temporárias, destinada a receber amostras de arte contemporânea. Em outra sala desse pavimento fica abrigado um painel explicativo da atualidade da Companhia Vale, com fotos e textos. A parte que causa mais impacto no público visitante fica na última sala do segundo pavimento: a maquete de ferromodelismo (Fotografia 4).



Fotografia 4 - Maquete de Ferromodelismo  
Fonte: Dados da pesquisadora

Esta é considerada a maior maquete de ferromodelismo do Brasil, com 34m<sup>2</sup>, e busca reproduzir o trajeto da EFVM. Foi construída por Francisco Tampieri, José Ramiro Trindade do Nascimento e José Severiano da Silva Filho, artistas da associação mineira de ferromodelismo. Nela estão representados o processo de extração do minério, o carregamento e descarregamento de vagões, e todo um contexto presente ao longo da ferrovia. Essa maquete conta com uma miniatura de

um trem, que quando ligada, realiza em 5 minutos a trajetória de Vitória/ES a Minas Gerais.

O espaço do museu também conta com um galpão de 800 m<sup>2</sup>, que antigamente servia de depósito de mercadorias da antiga Estação Pedro Nolasco. Após seu restauro, tornou-se um generoso espaço para receber exposições de Artes Plásticas. Nesse espaço, o museu já recebeu vários artistas nacionais e internacionais.

O museu conta também com um café restaurante instalado em dois vagões de passageiros reformados e um píer para pequenas embarcações.

No que tange ao acervo arquivístico e bibliográfico existente a respeito da EFVM e primórdios da CVRD, foi estruturado em 2005 um Centro de Referência e Pesquisa no Museu Vale, para atender estudantes e pesquisadores interessados em conhecer a história da ferrovia e da própria constituição do museu.

#### 2.5.1 O setor educativo do Museu Vale

No início de 1999 o Museu Vale começou a estruturar sua equipe educativa que inicialmente se consolidou para atender as escolas que se interessavam em realizar visitas ao Museu. Baseado em outras instituições museológicas nacionais e internacionais, contratou-se um arte educador para desenvolver e coordenar um projeto educacional, tendo como principal objetivo incentivar crianças, adolescentes e jovens alunos do ensino fundamental e médio da rede pública e privada, a utilizarem a criatividade e imaginação, conhecendo e vivenciando os aspectos técnicos, inventivos, representativos e expressivos contidos no acervo do museu e nas mostras de arte contemporânea que ele realiza.

Nas visitas guiadas os alunos recebem uma explicação cronológica da história da EFVM e sobre cada peça em exposição no Museu. De acordo com a equipe educativa do Museu Vale a visita normalmente é planejada sobre quatro momentos distintos, a saber:

- Introdução: na qual são fornecidas informações gerais sobre o museu e sobre as atividades da visita. Caso haja uma exposição temporária em andamento, a vida do artista e sua obra são relatadas pelos mediadores, que são previamente treinados pelo artista e/ou curador da mostra.

- Visita à exposição: é a etapa principal, pois a exposição é o cenário em que os visitantes podem ter acesso à história da construção da EFVM por meio do contato direto com os equipamentos de trabalho, documentos, fotos e obras.
- Realização de workshops: após a atividade da visitação, os alunos são encaminhados para um local apropriado, onde realizam atividades relacionadas com os assuntos trabalhados ao longo da visita.
- Distribuição de lanches aos alunos e orientações quanto ao uso das lixeiras para o descarte e acondicionamento do lixo produzido de forma seletiva.

Em 2005, foi inaugurado um espaço com pias, bancadas, iluminação apropriada e equipamento audiovisual, destinado à realização de oficinas de arte (*workshops*). Após cada visitação e a critério da escola visitante, os alunos são conduzidos a esse espaço com o objetivo de vivenciar momentos de experiência artística, por meio da realização de um trabalho criativo, com o auxílio de tintas, canetas, lápis, papel e materiais utilizados nas artes plásticas, contando com a presença dos mediadores que acompanharam a turma ao longo da visitação.

Atualmente o Museu Vale oferece aos alunos visitantes três tipos de oficinas, que variam conforme a programação mensal do museu: o Guarda-histórias, o Baú de memórias e o Jogo da memória.

- Guarda-histórias: os alunos recebem uma pasta, em formato de uma mala antiga, em que podem desenhar e interagir com as gravuras representativas do museu;
- Baú de Memórias: três baús representam os espaços do museu, ou seja, um baú representa a sala da construção, outro a sala da manutenção e, por fim, um terceiro, que representa a sala das estações. Assim, os alunos realizam um desenho e após, devem depositá-lo no baú referente à respectiva sala.
- Jogo da Memória: cada aluno segura uma placa, contendo uma figura representativa de um objeto do museu, devendo virar as placas e fazer as respectivas associações entre os pares.

Na área educativa, o museu conta com uma equipe de nove pessoas, composta por uma arte educadora, coordenadora da equipe e, por oito mediadores, sendo seis pedagogos e dois historiadores. Em parceria desenvolvem projetos educativos, procurando levar os alunos que visitam o museu, a conhecerem e valorizarem a pluralidade do patrimônio sociocultural brasileiro, situando o Museu como um instrumento facilitador nos processos de ensino e aprendizagem.

### 2.5.2 Escolas visitantes

No período compreendido de abril a junho de 2016, onze escolas estiveram no Museu Vale às terças-feiras à tarde. Destas, duas são escolas particulares e situam-se no município de Vila Velha. Outras nove são da rede pública, sendo cinco da rede municipal e quatro da rede estadual.

Quanto à localização três escolas da rede estadual estão situadas no município de Vitória e uma no município de Vila Velha. Das escolas da rede municipal três se localizam no município de Vitória e duas no município da Serra.

As escolas particulares atendem ao Ensino Fundamental e ao Ensino Médio. As escolas da rede municipal ofertam somente o Ensino Fundamental e as escolas da rede estadual ofertam tanto o Ensino Fundamental quanto o Ensino Médio, além da oferta de cursos técnicos.

## 3 METODOLOGIA

### 3.1 TÉCNICA DE PESQUISA

Esta pesquisa possui caráter qualitativo que, segundo Godoy (1995) não se constitui como uma proposta rigidamente estruturada, mas que permite ao pesquisador uma construção diária à medida que os dados são coletados e examinados. Segundo Godoy (1995, p. 62):

A pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento fundamental. Os estudos denominados qualitativos têm como preocupação fundamental o estudo e a análise do mundo empírico em seu ambiente natural. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. No trabalho intensivo de campo, os dados são coletados utilizando-se equipamentos como videoteipes e gravadores ou, simplesmente, fazendo-se anotações num bloco de papel. Para esses pesquisadores um fenômeno pode ser mais bem observado e compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte. Aqui o pesquisador deve aprender a usar sua própria pessoa como o instrumento mais confiável de observação, seleção, análise e interpretação dos dados coletados.

O registro por meio da escrita ocupa lugar de destaque nessa abordagem, desempenhando grande importância para o processo de obtenção dos dados. Todas as informações da realidade são importantes e devem ser consideradas para a compreensão ampla da realidade que está sendo estudada. Os sujeitos e os ambientes devem ser observados como um todo e não reduzidos a variáveis (Godoy, 1995).

Na abordagem qualitativa, os pesquisadores se baseiam em questões ou focos de interesse amplos, que vão se tornando mais diretos e específicos no decorrer da investigação. Os dados são mediados pelo pesquisador, conferindo ao mesmo a possibilidade de responder às circunstâncias que o cercam, modificando técnicas de coleta, revendo questões norteadoras da pesquisa, localizando novos indivíduos para a pesquisa e revendo a metodologia até então utilizada no desenvolvimento do trabalho.

Segundo Bogdan e Biklen (1994), a investigação qualitativa apresenta cinco importantes características apresentadas a seguir:

1. Na investigação qualitativa, a fonte de dados é o ambiente natural, sendo o investigador o principal agente. Nesse tipo de pesquisa, os investigadores dispõem grandes quantidades de tempo em sua pesquisa tentando elucidar questões educativas. Podem ser utilizados vários instrumentos para a coleta dos dados, como: equipamentos de áudio, vídeo, fotografias, ou apenas um bloco de anotações no qual serão anotadas as observações realizadas. “Entendem que as ações podem ser mais bem compreendidas quando são observadas no seu ambiente habitual de ocorrência. Os locais têm de ser entendidos no contexto da história das instituições a que pertencem” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.49).

2. A investigação qualitativa é descritiva. Os dados obtidos adquirem a forma de palavras ou imagens e não de números. Esses dados podem incluir transcrições de entrevistas, notas de campo, fotografias, vídeos, documentos pessoais, memorandos e outros registros oficiais. Objetiva analisar os dados em toda a sua riqueza, respeitando, tanto quanto o possível, a forma como eles foram registrados ou transcritos.

3. Os investigadores qualitativos interessam-se mais pelo processo do que simplesmente pelos resultados ou produtos. Elucidar como ocorrem as interações entre os sujeitos, como as ações dos alunos, pais, professores e demais profissionais da escola interferem nos processos de produção de conhecimento são fundamentais para a compreensão dos processos educativos.

4. Os investigadores qualitativos tendem a analisar os dados coletados de forma indutiva. Os conceitos são construídos à medida que os dados são coletados, ou seja, os dados vão adquirindo forma conforme vão se agrupando. “Uma teoria desenvolvida deste modo procede de "baixo para cima" (em vez de "cima para baixo"), com base em muitas peças individuais de informação recolhida que são inter-relacionadas” (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.51).

5. O significado é de importância vital na abordagem qualitativa. Nesse contexto, o pesquisador está interessado na forma como os sujeitos pesquisados atribuem sentido ao que está sendo abordado. A investigação qualitativa reflete um diálogo entre as partes, uma comunicação entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa [...] “Os investigadores estão continuamente a questionar os sujeitos de investigação, com o objetivo de perceber aquilo que eles experimentam”. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p.51).

A análise qualitativa da pesquisa a ser desenvolvida ocorrerá por meio da observação participante e de anotações em um diário de campo. Segundo Bogdan e Biklen, (1994, p. 16) “[...] as estratégias mais representativas da investigação qualitativa, e aquelas que melhor ilustram as características são a observação participante e a entrevista em profundidade”. Segundo Bogdan e Biklen (1994), pode-se definir a observação participante como uma técnica pela qual se chegar ao conhecimento da vida de um grupo a partir do interior dele. Tal técnica é válida quando se pretende conhecer o máximo possível sobre uma situação ou fenômeno. Apresenta, dentre outras vantagens, a possibilidade de facilitar o rápido acesso a dados sobre situações habituais em que os membros das comunidades se encontram envolvidos.

A pesquisa bibliográfica foi adotada como parâmetro inicial, em que se procurou investigar as pesquisas e os estudos já realizados e publicados sobre a temática abordada. Aliada à perspectiva bibliográfica, foram consultadas as principais contribuições teóricas relacionadas à educação em instituições museais, bem como as características da educação formal e não formal e os Parâmetros Curriculares Nacionais para o ensino de história. De acordo com Lakatos e Marconi (2003, p. 183), a pesquisa bibliográfica:

[...] abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo, desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico etc., até meios de comunicação orais: rádio, gravações em fita magnética e audiovisuais: filmes e televisão. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto, inclusive conferências, seguidas de debates que tenham sido transcritos por alguma forma, quer publicadas, quer gravadas.

Assim, a investigação desenvolvida passou por um processo de construção/reconstrução proveniente das experiências vivenciadas ao longo da pesquisa. Os registros e análises realizados no diário de campo serviram de suporte para a construção das atividades que utilizam o Museu Vale como um espaço não formal para o processo de ensino e aprendizagem em história.

### 3.2 O CONTEXTO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada no Museu Vale, ao longo dos meses de abril, maio e junho de 2016, com todas as escolas agendadas às terças-feiras, para realização de visitas no período da tarde. Desse modo foram realizadas um total de 11 visitas, em que foram considerados como sujeitos da pesquisa:

- Um professor de cada escola que realizou a visita;
- Dois alunos de cada turma (escolhidos por sorteio); e
- A equipe educativa do Museu Vale, composta por nove mediadores.

### 3.3 INSTRUMENTOS E ETAPAS DA PESQUISA

Com o intuito de buscar respostas sobre a temática em questão, optou-se pela realização da observação participante ao longo de cada visitação, sendo que os dados coletados foram registrados em um diário de campo. Aliado a esse instrumento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com professores, alunos e com a equipe educativa do Museu Vale. A exemplo de outras técnicas de coleta de dados, a entrevista semiestruturada apresenta algumas vantagens fundamentais:

- a) Pode ser utilizada com todos os segmentos da população: analfabetos ou alfabetizados.
- b) Fornece uma amostragem muito melhor da população geral: o entrevistado não precisa saber ler ou escrever.
- c) Há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido.
- d) Oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz: registro de reações, gestos etc.
- e) Dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos.
- f) Há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias.
- g) Permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico.

(LAKATOS; MARCONI, 2007, p. 95)

Diante de tais considerações foram organizados três modelos de entrevistas semiestruturadas a serem realizadas com os professores, alunos e com a equipe educativa do Museu Vale.

Assim, o primeiro instrumento de entrevista, com 10 questões, direcionou-se para os professores, abordando questões relacionadas à compreensão sobre a concepção de museu, a importância atribuída à visita dos alunos ao espaço museal, as atividades desenvolvidas antes e após a visita.

A entrevista foi dividida em duas partes. A primeira refere-se aos dados pessoais e profissionais dos entrevistados, necessários para traçarmos um perfil dos sujeitos da pesquisa. A segunda parte diz respeito ao tema central desta pesquisa, isto é, analisar como as relações estabelecidas entre o Museu Vale e as escolas visitantes contribuem para o processo de ensino e aprendizagem em história.

O segundo instrumento de entrevista, com 14 questões, foi direcionado aos alunos, englobando questões referentes ao entendimento sobre o que é o museu, se essa instituição contribuiu para o seu aprendizado, se a escola se programou com atividades anteriores e posteriores à visita. Do mesmo modo que a entrevista aplicada aos professores, esta foi dividida em duas partes, sendo a primeira referente aos dados pessoais dos alunos, necessários para traçarmos um perfil dos sujeitos da pesquisa, e a segunda relacionada a questões centrais desta pesquisa.

E por fim, o terceiro instrumento, construído para a equipe educativa do Museu Vale e, da mesma forma, dividido em duas partes. A primeira refere-se aos dados pessoais e profissionais dos entrevistados e a segunda direcionada para responder ao objetivo da pesquisa.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Apresentamos os resultados e discussões referentes à análise das entrevistas realizadas com os alunos, professores e equipe educativa do Museu Vale, sujeitos desta pesquisa, além dos dados coletados por meio da observação participante, ocorrida ao longo de cada visita. Apresentamos desse modo as impressões que emergiram da vivência desses sujeitos, a partir da aplicação de um instrumento específico, no caso, três entrevistas semiestruturadas (Apêndice A, B e C). Para fins de identificação dos sujeitos da pesquisa, os membros da equipe educativa do museu serão denominados de mediadores, pois assim se autodenominam.

### Mediadores do Museu Vale

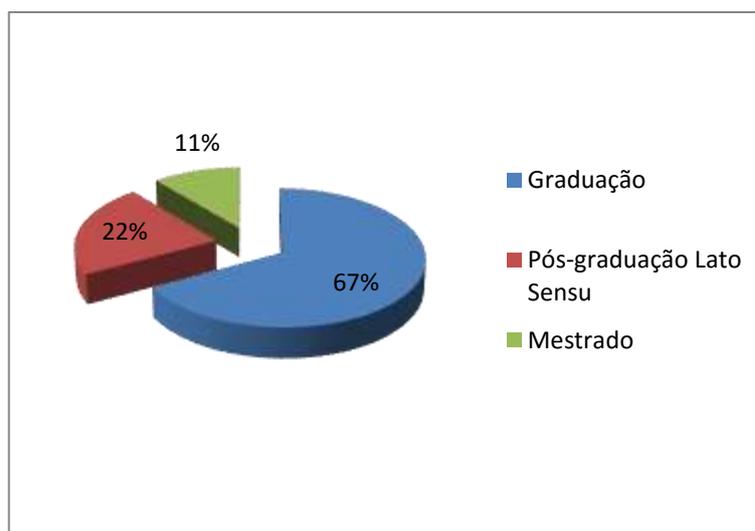


Gráfico 1 - Nível de formação dos mediadores  
Fonte: Dados da pesquisadora

No que se refere à formação dos mediadores, foi possível observar, como demonstra o Gráfico 1, que todos os integrantes da equipe educativa estão empenhados quanto ao processo de aprimoramento/qualificação, sendo que todos possuem graduação, dois Pós-graduação *lato sensu* e um, mestrado.

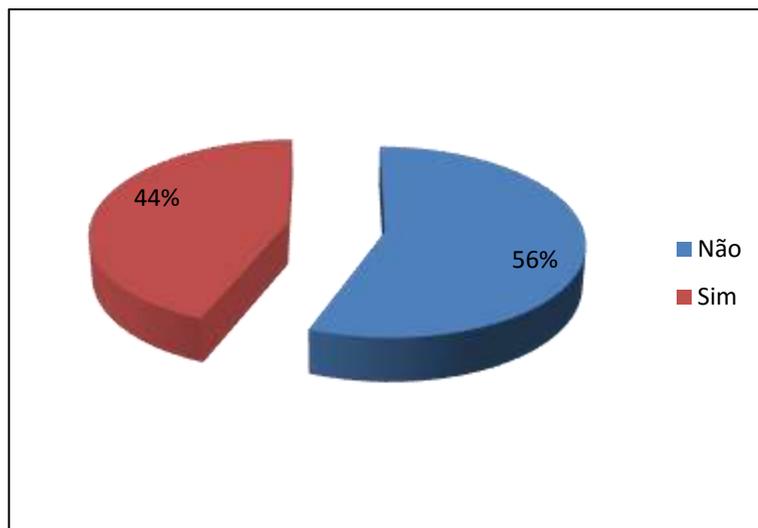


Gráfico 2 - Atuação no magistério  
 Fonte: Dados da pesquisadora

Quanto ao fato de já terem exercido o magistério a maioria respondeu, conforme Gráfico 2, que não. Em relação aos entrevistados que afirmaram já terem atuado como professores, o fizeram por mais de oito anos.

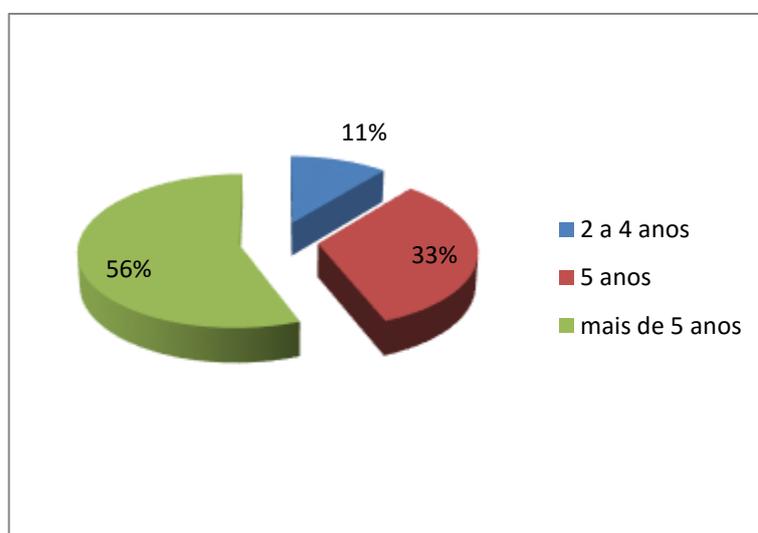


Gráfico 3 - Tempo de atuação no museu  
 Fonte: Dados da pesquisadora

O resultado apresentado no Gráfico 3 aponta que a maioria dos mediadores que compõe a equipe educativa do Museu Vale atuam na instituição há pelo menos cinco anos. Com efeito, possuem diversos estudos e vivências adquiridas ao longo

do tempo nesse espaço, contribuindo, desse modo, para a aquisição de habilidades e para o aperfeiçoamento dos processos de mediação.

Quando perguntados sobre a concepção que possuem sobre o museu, todos os entrevistados foram unânimes em afirmar que é um espaço de aprendizado e divulgação do conhecimento, em que os objetos são capazes de “contar” os fatos do passado. Assim afirmaram:

M1: “O museu e o seu acervo nos contam uma história do passado, onde podemos aprender. É um espaço do saber”.

M2: “Podemos saber o que aconteceu quando visualizamos os objetos, as fotografias”.

Para Compagnoni (2009) a ida ao museu propicia aos estudantes o aprendizado da pesquisa histórica baseado na investigação, na inferência e no raciocínio, onde os alunos tem a oportunidade de tornarem-se protagonistas do seu processo de aprendizagem, e não meros receptores de informações. Segundo Compagnoni (2009, p. 45) “o objeto museal sugere perguntas, fatos, relações passado/presente/futuro, ideias históricas e, dessa forma, potencializa o conhecimento significativo de um determinado período histórico”.

Quando questionados sobre a preparação para receber as visitas das escolas, todos os entrevistados afirmaram que existe uma preparação por parte dos mediadores e que, diante da demanda apresentada pela escola, buscam informações para estruturar a visita e assim abordarem o tema solicitado.

M1: “O museu tem muito material. Além disso, temos encontros semanais, rodas de conversa, onde trocamos informações”.

M2: “Ao agendar a visita, o professor fala sobre o tema que precisa ser trabalhado. Nós pesquisamos e inserimos ao longo da visita”.

M6: “Recebemos as escolas, em sua maioria agendada, assim a equipe é informada da série e idade podendo se preparar com uma linguagem adequada a cada faixa etária”.

Os mediadores são previamente escolhidos para receber a turma. Como a visita ocorre por meio de agendamento, o mediador tem um tempo para programar os temas/assuntos que serão abordados. Constatamos a veracidade dessa preparação, inclusive no momento da chegada dos alunos ao museu, o mediador selecionado é quem faz a acolhida do grupo no pátio, explicando as regras de

conduta e o objetivo da visita, aproveitando também para perguntar ao professor se existe algum outro tema para acrescentar ao roteiro da visita.

Almeida e Vasconcellos (2006) destacam que para ocorrer um processo educativo é necessário que escola e museus dialoguem, buscando uma relação de parceria. Para ocorrer um processo educativo dentro de um espaço museal não basta apenas realizar uma visita. É necessária a adoção de uma postura reflexiva sobre as ações, de maneira a compreender as diversas mensagens que estão sendo transmitidas pelos objetos expostos, pelo próprio museu e, assim, construir novas significações.

Na visão de todos os mediadores entrevistados, o Museu Vale contribui de forma significativa para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos visitantes, principalmente por ser um ambiente fora da escola e assim despertar uma motivação maior nos alunos.

M1: "A visita é uma forma lúdica de aprender, tem contação de história e facilita a aprendizagem".

M2: "Eles ficam visivelmente mais motivados, no início ficam quietos, mas depois de uns minutos começam a perguntar, questionar, eles interagem bastante".

M5: "É um espaço diferente da escola. Todos de uma forma geral ficam encantados e motivados com o museu, seu espaço e acervo".

M8: "Aqui os alunos tem a oportunidade de visualizar o que leem nos livros, é algo vivo, dinâmico".

Assim, ao acompanhar as visitas, percebemos que o envolvimento dos alunos era grande ao longo da atividade, surgindo muitos questionamentos deles em relação às peças e espaços do museu. Era realmente visível o envolvimento da maioria dos alunos, manifestado pelas perguntas aos mediadores e de comentários com os colegas. Notamos, inclusive, que muitas vezes, diante de uma fala de um mediador, os alunos faziam comentários sobre suas realidades e os mediadores, por sua vez, buscavam relacionar essas falas com o contexto do museu.

Nesse sentido, os PCNs (1998) para o ensino de história recomendam aos professores a utilização de espaços não formais como contexto para o desenvolvimento de abordagens mais práticas, apontando os estudos do meio como uma atividade motivadora, que propicia ao estudante o desenvolvimento de conceitos, atitudes e capacidades mais ligadas ao contexto social.

É gratificante e significativo, para o professor e para os seus alunos, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola; visitar uma exposição em um museu, visitar uma fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas, etc. Essas situações são geralmente lúdicas e representam oportunidades especiais para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes, que envolvam trabalhos especiais de acesso a outros tipos de informações e outros tratamentos metodológicos de pesquisa (PCNs, 1998, p.61).

Em relação às estratégias/recursos utilizados para promover a aprendizagem dos alunos foram citados o diálogo mediado, fotos, objetos, maquete ferroviária, máquina a vapor “Maria Fumaça” e o estabelecimento de conexões entre a realidade dos alunos e os conteúdos do museu.

A utilização de uma linguagem adequada à faixa etária e a realização dos workshops também foram citados. Destacou-se também o lúdico, com um importante recurso no desenvolvimento das atividades.

M1: “Procuramos fazer uma relação entre os temas tratados e o dia-a-dia dos alunos, buscamos “ligar” o cotidiano dos alunos ao que está no museu”.

M7: “Buscamos nos distanciar de uma aula expositiva, tradicional. Usamos o lúdico nos objetos do museu. Pelo lúdico trocamos conhecimentos”.

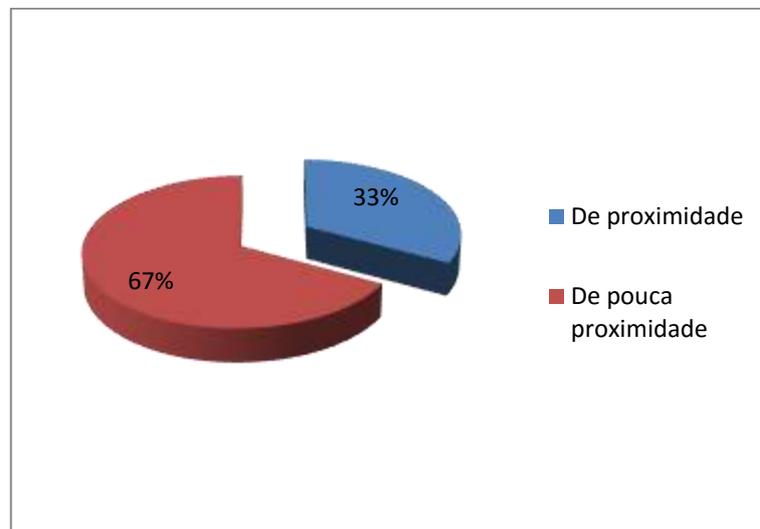


Gráfico 4 - Relação entre os professores e os mediadores  
Fonte: Dados da pesquisadora

Ao longo das visitas ficou evidenciado que a interação/relação entre os professores e os mediadores (Gráfico 4), se limita às informações passadas pelos professores quanto aos objetivos da visita. Nesses momentos não foram

visualizados outros tipos de contato, limitando-se o (a) professor(a) a cuidar da disciplina dos alunos.

Quando questionados sobre como se comportam os alunos durante a visita ao Museu Vale, todos os entrevistados afirmaram que os alunos se comportam com muito interesse. O resultado aponta que os mediadores acreditam no trabalho que realizam e constataam esse fato pela reação de entusiasmo dos alunos visitantes.

Nos dias em que estivemos no museu, acompanhando as visitas, os mediadores estabeleceram uma relação de troca constante com os alunos. Destacam-se o esforço dos mediadores em estabelecer conexões entre o cotidiano dos alunos e a história contada pelo acervo. As falas dos alunos eram sempre valorizadas e, diante delas, existiam comentários e reflexões.

Por fim, ao serem questionados sobre como utilizam o Museu Vale como recurso no processo de ensino e aprendizagem, sete dos nove entrevistados disseram utilizá-lo como um instrumento educacional, em que os conteúdos dos livros se transformam em objetos, fotografias, falas. Afirmaram que, por meio das visitas mediadas em um ambiente novo para os alunos, ocorrem trocas, diálogos, questionamentos, que fazem os alunos refletirem e construírem o conhecimento.

M1: "O museu é um instrumento educativo, por meio das visitas mediadas os alunos são levados a um novo mundo, viajam no tempo. Os objetos contribuem para a construção do conhecimento e para despertar o interesse dos alunos".

M4: "É um instrumento que envolve o lúdico. O museu é real, vivo. Os objetos também interagem com os alunos a partir das suas próprias interpretações. O museu traz novos elementos para demonstrar os conteúdos".

M9: "Utilizo o espaço do museu como um grande guardião da história. É desse lugar que sai grandes referências de conhecimento sobre a história do Espírito Santo".

Nesse sentido Bizerra e Marandino (2014) afirmam que os espaços de educação não formal são lugares privilegiados para a ocorrência de mediações que são necessárias para o aprendizado. Esses espaços são ricos em objetos, imagens, sons que provocam e despertam o interesse. Nesse contexto, as autoras nos apresentam as potencialidades dos museus, que são reconhecidamente espaços não formais de ensino, dotados de diversas possibilidades pedagógicas.

Segundo Bizerra e Marandino (2014, p. 127):

Existe um conhecimento social que é transformado pelo sujeito. Nos museus, ao interpretar o modelo exposto, o visitante (individualmente ou em grupo) utiliza seus conhecimentos anteriores, seus valores e crenças, sua rede de conceitos, para dar significado ao que observa. Nesta interpretação, constrói o modelo que faz sentido a partir da lógica apresentada. Por outro lado, a instituição tem um conteúdo a ser trabalhado, ela é a mediadora do conhecimento humano construído por gerações. Há um conhecimento já concretizado pela humanidade, disponível ao visitante por meio do objeto. Através dos objetos museais, o visitante tem acesso ao conhecimento historicamente elaborado e pode transformá-lo segundo a lógica que desejar, empiricamente ou teoricamente.

Durante o período em que estivemos no museu, acompanhando as visitas dos alunos, notamos que a equipe educativa tem grande preocupação com o aprimoramento/capacitação dos mediadores. Uma vez por semana ocorre uma reunião com a equipe, na qual questões relacionadas à educação em museus são trabalhadas e debatidas. São também realizadas rodas de conversa, onde são trocadas experiências e informações sobre o processo de mediação.

### Professores visitantes

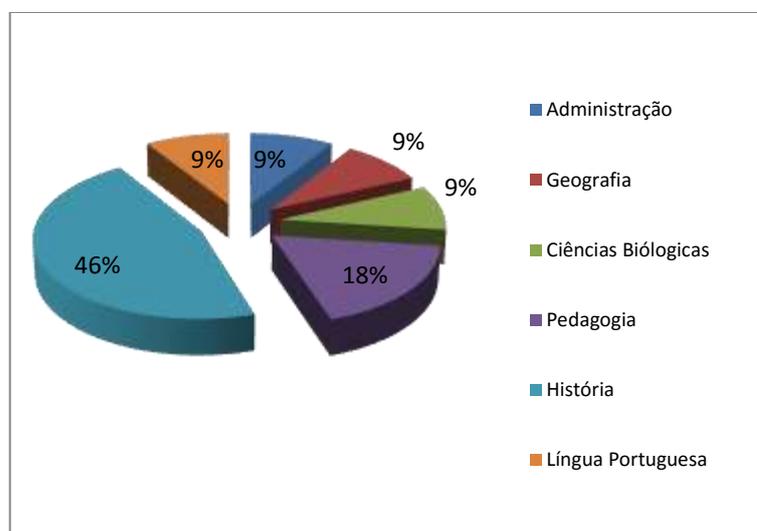


Gráfico 5 - Formação acadêmica  
Fonte: Dados da pesquisadora

Em relação à formação acadêmica dos professores que conduzem os alunos às visitas ao museu, identificamos, conforme Gráfico 5, um caráter bem diversificado, apresentando-se: Administração, Geografia, Ciências Biológicas, Pedagogia, História e Língua Portuguesa. Tal resultado pode apontar para a

diversidade de temas/assuntos que podem ser abordados dentro do Museu Vale, por diversas áreas de conhecimento.

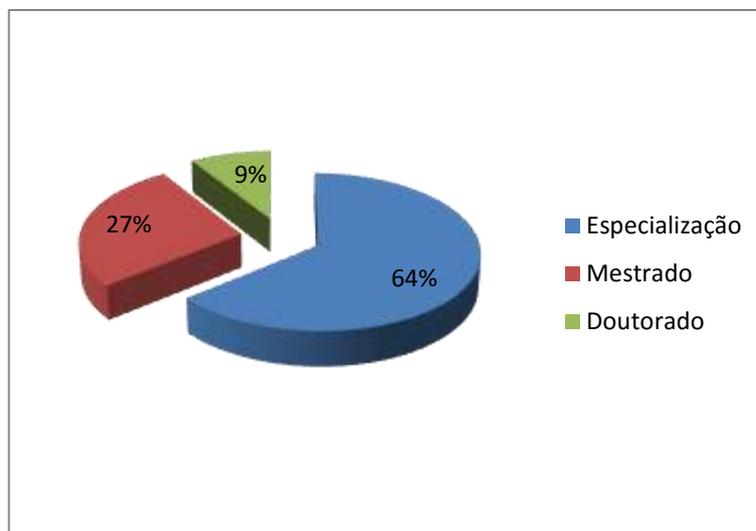


Gráfico 6 - Nível de formação  
Fonte: Dados da pesquisadora

Quanto ao nível de formação dos entrevistados foi possível constatar, que a maioria dos professores se preocupa com questões relacionadas ao seu processo de qualificação, sendo que 36% possuem mestrado ou doutorado (Gráfico 6) .

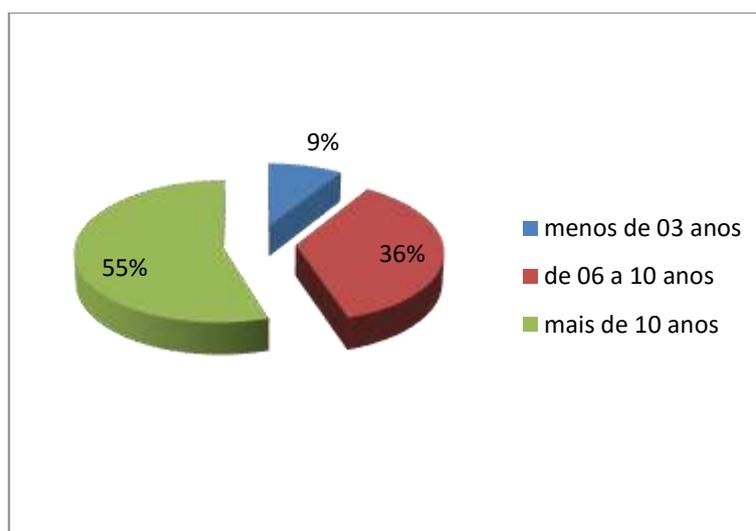


Gráfico 7 - Tempo de magistério  
Fonte: Dados da pesquisadora

Em relação ao tempo de magistério, 55% dos entrevistados possuem mais de 10 anos de atuação no magistério Gráfico 7.

Quando perguntados sobre sua concepção de museu, todos os entrevistados disseram reconhecer esses espaços como locais de memória, de construção de conhecimentos nos quais a cultura de um povo é transmitida às futuras gerações. Nesse sentido surgiram alguns comentários, tais como:

P1: “O museu traz um aprendizado constante, é um resgate da cultura de um povo”.

P2: “É um lugar de preservação do patrimônio histórico e cultural”

P5: “O museu transmite a cultura, política, fatores de uma época. Reflete um contexto social”.

P10: “É um espaço do conhecimento, aprendemos quando viemos aqui”.

Quando questionados sobre a importância da visita ao museu para os alunos, 63% dos entrevistados afirmaram ser de fundamental importância para a construção da identidade dos educandos, para o conhecimento da história do seu povo e do local em que estão inseridos.

P3: “Nas visitas os alunos tem acesso à história do seu povo, do seu município e do seu estado. Por meio dessas visitas mostramos para o aluno quem foram e como trabalhavam seus antepassados”.

P7: “Contextualizamos para os alunos a evolução de uma sociedade, e eles acabam se identificando com os locais, com os acontecimentos”.

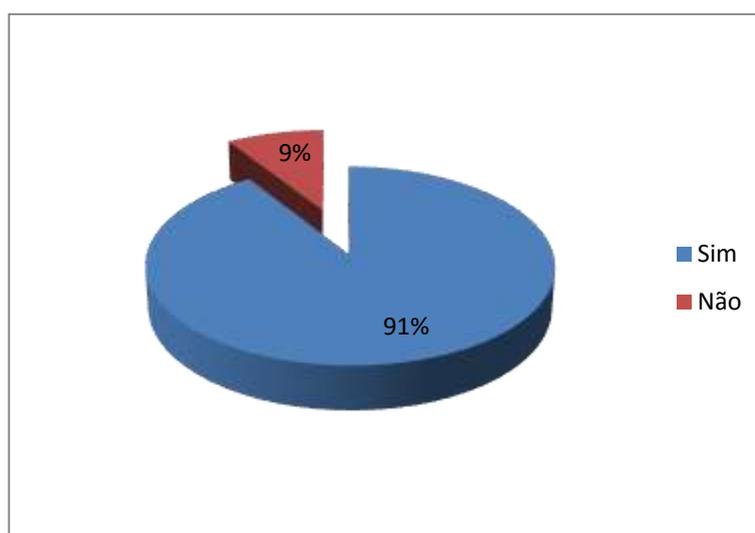


Gráfico 8 - Planejamento para a visita  
Fonte: Dados da pesquisadora

Quando questionados se houve um planejamento para a realização da visita 10 dos 11 entrevistados afirmaram que existiu sim. Tal resultado, apresentado no Gráfico 8, indica que, entre os professores participantes da pesquisa, a preocupação com atividades planejadas é importante.

Em seguida, os entrevistados foram questionados sobre quais seriam os objetivos da visita. Nesse ponto, ficou evidente que nem sempre os objetivos são claros para a realização da visita. Enquanto alguns professores responderam prontamente a pergunta, outros apresentaram respostas vagas, tais como: construção do conhecimento, interação (conhecimento relacionado à que? Interação entre quem?). Dentre os 11 entrevistados, uma professora não soube dizer ao certo o porquê estava com os alunos naquele espaço, afirmando ter ido apenas acompanhar a turma, por uma questão de disciplina.

P1: “Aprendizado regional, resgate cultural e evolução tecnológica”.

P8: “Eles estão aqui para conhecer, interagir, ver o novo no museu”.

P9: “Aprendizado diferenciado, fora da educação formal, para contextualizar as condições de trabalho ao longo dos séculos”.

P10: “Não sei te falar, acho que é história. Estou aqui para acompanhar porque a escola pediu”.

P11: “Faz parte do projeto desenvolvido pela escola. A conclusão do projeto é com a visita”.

Quando perguntados sobre o que acontece em sala quando os alunos retornam à escola, todos os entrevistados afirmaram que ocorrem atividades, em que os alunos retomam aos assuntos que foram vistos no museu, expressando suas ideias e impressões pessoais em relação à visita.

P1: “Iremos conversar primeiro, depois iremos montar um mural com a contribuição pessoal de cada aluno”.

P2: “Os alunos irão apresentar um painel com os dados relativos ao funcionamento do museu. Assim os outros alunos que não foram irão aprender também”.

P3: “Eles vão realizar relatos orais, já fizemos um trabalho prévio antes da visita, em sala de aula”.

P11: “Relatos orais, conversas sobre as vivências e experiências adquiridas”.

O trabalho desenvolvido pelos professores vai ao encontro das ideias de Marandino (2008), que afirma que a visita realizada pelos alunos ao espaço museal deve ser trabalhada na aula seguinte, utilizando-se os registros feitos ao longo da visita. Os dados obtidos antes e durante a visita devem ser comparados, buscando, assim, responder aos questionamentos surgidos. Assim:

Os dados serão integrados em um todo coerente que apresentará as respostas aos questionamentos prévios. Inserindo os dados coletados no museu dentro do processo de formação dos alunos, a visita perde seu caráter isolado e episódico, passando a integrar as atividades escolares em um todo contínuo e permanente de aprendizagem (Marandino, 2008, p. 26).

Ao serem questionados sobre as contribuições da visita para a sua prática educativa, nove dos onze entrevistados afirmaram que contribui para a consolidação do conhecimento inicialmente construído em sala de aula pelos alunos, facilitando a aprendizagem.

P1: “É muito enriquecedor. É um processo diferenciado de ensino/aprendizagem, onde os alunos entram em contato com o real, assim é mais fácil eles aprenderem”.

P3: “As visitas ao museu ajudam muito na minha prática diária, eles aprendem com mais facilidade. É lúdico, eles aprendem enquanto brincam. As visitas são enriquecedoras e únicas”.

P7: “A sala de aula é só mais um meio de ensinar. É possível aprendermos e ensinarmos fora desse ambiente. O museu comprova isso”.

Tais resultados corroboram com as ideias de Simam (2007, p.37), ao afirmar que os espaços museais são ambientes educativos que proporcionam aos alunos em visita, materialidades e oportunidades de simbolização que não são encontradas na escola. “E é a partir de uma educação para olhar através dessa materialidade (dispersa, contraditória, lacunar e plural) que se realiza seu papel educador, sua peculiaridade e sua potencialidade.”

E por fim, ao serem questionados sobre a interação/relação estabelecida com os membros da equipe educativa do Museu Vale, todos os entrevistados afirmaram ter existido um grande interesse por parte da equipe de mediadores.

P4: “Os mediadores nos receberam muito bem. Ao ligar para agendar a visita o mediador me perguntou qual era o objetivo da atividade”.

P6: “Foram muito atenciosos. Me falaram inclusive que tem *workshops* para ser realizado com os alunos após a visita”.

P8: “Quando cheguei aqui eles me perguntaram quais eram os objetivos da visita, mas já tinha algo pronto com o mediador”.

Em uma das visitas um dos mediadores afirmou que normalmente os professores não adotam uma postura ativa durante a realização das visitas, julgando ser essa atividade de condução dos alunos de exclusiva responsabilidade da equipe educativa do museu. Também foi observado que os professores não acompanham de perto os alunos, não participam dos questionamentos surgidos e nem procuram realizar questionamentos. Permanecem isolados, muitas vezes com a atenção direcionada a outras questões, que não aquelas relacionadas à atividade da visita. Muitas vezes se limitavam a cuidar da disciplina dos alunos.

A P4 afirmou que o Museu Vale poderia estruturar um curso preparatório para os professores que pretendem realizar visitas ao espaço do museu, assim como ocorre em outras instituições do Rio de Janeiro e de São Paulo, pois assim eles teriam subsídios para criarem estratégias pedagógicas de como trabalhar com o acervo exposto.

Em parte, a falta de conhecimentos sobre os objetos que compõem o acervo do Museu Vale tem dificultado a participação dos professores na visita, adotando uma postura de motivação junto aos alunos e ajudando no processo de construção dos conhecimentos.

Nesse sentido devemos destacar que a presença do professor junto ao grupo no desenvolver da visita é de extrema importância, pois esse além de auxiliar os alunos na elaboração das atividades propostas também servirá de modelo aos estudantes, demonstrando a importância de se acompanhar à visita. Segundo Abud, Silva e Alves (2011, p.139):

O “sucesso” da visita é de responsabilidade do professor. Mesmo que a instituição possua mediadores ou guias, estes não substituem o papel do docente na organização e mediação dos momentos de descobertas, análises e dúvidas que os alunos vivenciam durante a visita.

## Alunos visitantes

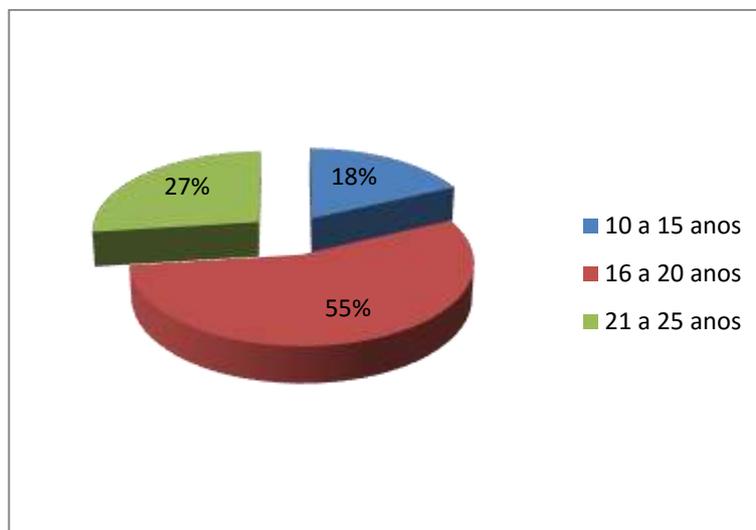


Gráfico 9 - Idade dos alunos da pesquisa  
Fonte: Dados da pesquisadora

O resultado, apresentado no Gráfico 9, aponta que mais da metade dos alunos entrevistados possuem idades entre 16 e 20 anos.

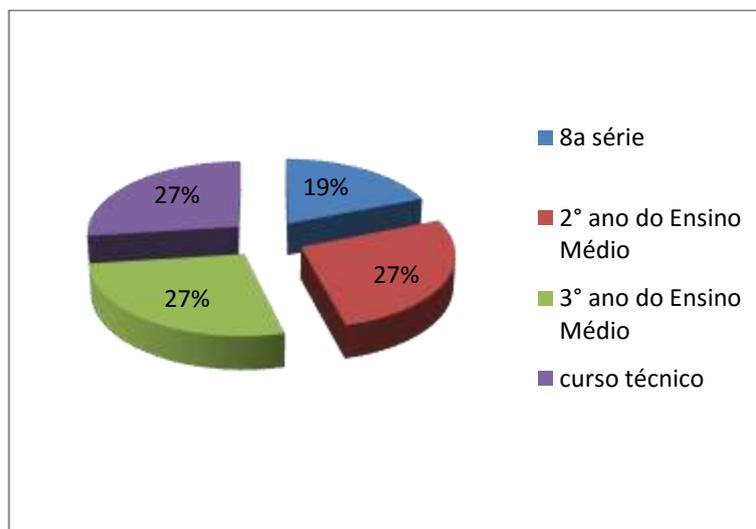


Gráfico 10 - Série que esta cursando  
Fonte: Dados da pesquisadora

Conforme o Gráfico 10 participaram da pesquisa 19% de alunos provenientes do Ensino Fundamental, 54% de alunos provenientes do Ensino Médio

e 27% de alunos oriundos de cursos técnicos. Tal resultado aponta para a diversidade de assuntos/temas que podem ser abordados dentro do Museu Vale, apresentando, assim, várias possibilidades para o desenvolvimento da ação educativa.

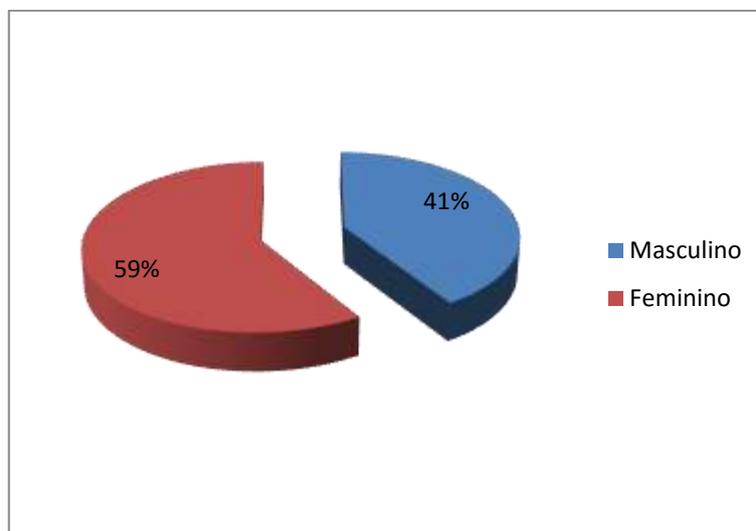


Gráfico 11 - Sexo dos participantes da pesquisa  
Fonte: Dados da pesquisadora

A maioria dos entrevistados pertence ao sexo feminino (Gráfico 11).

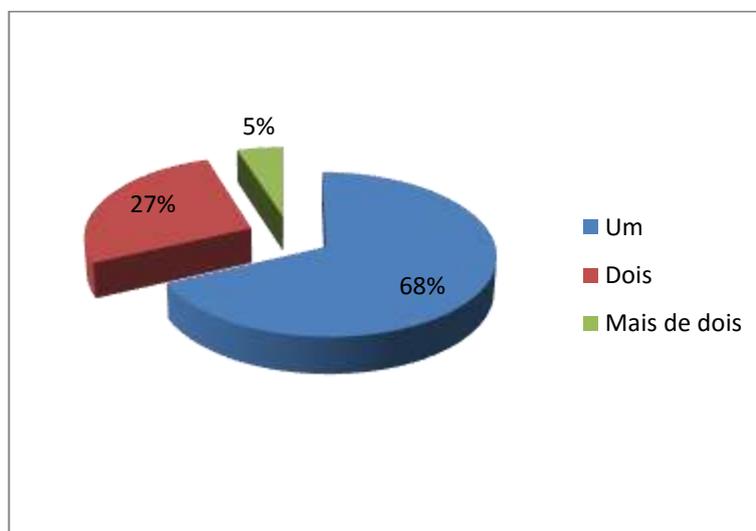


Gráfico 12 - Número de museus já visitados  
Fonte: Dados da pesquisadora

Quando questionados sobre o número de museus que já visitaram, 68% dos entrevistados (Gráfico 12), afirmaram que somente um, ou seja, a primeira visita ocorreu no Museu Vale, por meio de uma iniciativa da escola. Tal resultado corrobora com as ideias de Marandino (2008) ao afirmar que atualmente o público

escolar é o que mais realiza visitas aos museus no Brasil. Muitos alunos terão o primeiro contato com os museus e, muitas vezes, o último, por meio de visitas organizadas pela escola.

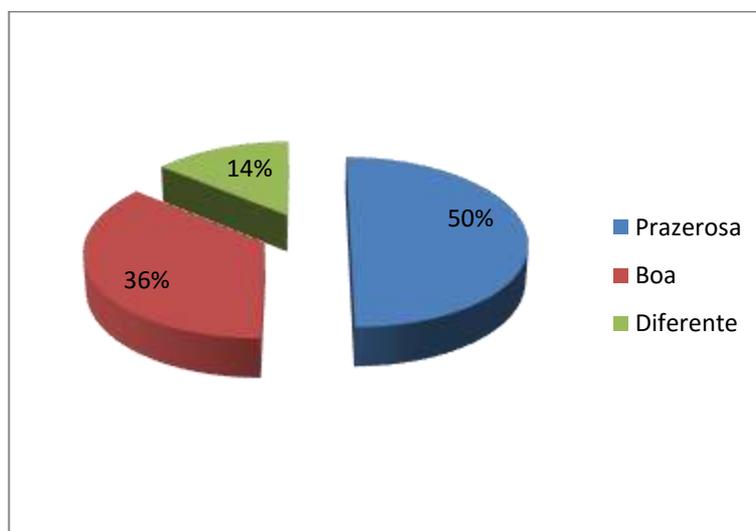


Gráfico 13 - O que o aluno achou dessa atividade  
Fonte: Dados da pesquisadora

Conforme demonstra o Gráfico 13, a maioria dos entrevistados considerou a realização da atividade prazerosa. Tal resultado aponta para as características lúdicas das atividades desenvolvidas em espaços não formais de ensino que, segundo os PCNs (1998), favorecem o desenvolvimento de abordagens mais práticas, proporcionando ao estudante a construção de conceitos, atitudes e capacidades mais ligadas ao contexto social, ou seja, mais próxima da sua realidade.

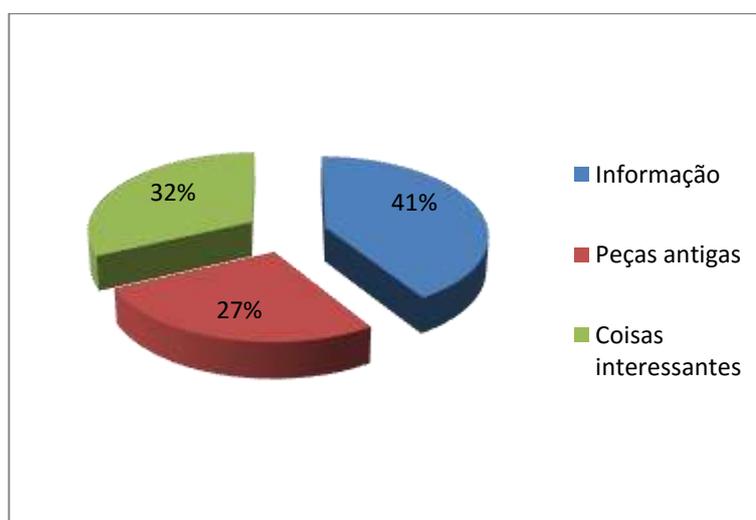


Gráfico 14 - O que o aluno espera encontrar no museu  
Fonte: Dados da pesquisadora

Antes da realização da visita, 41 % dos alunos visitantes esperavam encontrar informação no espaço do museu (Gráfico 14).

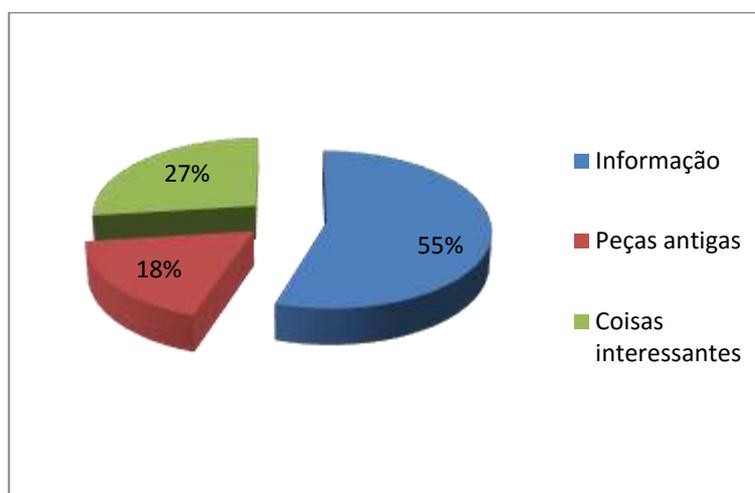


Gráfico 15 - O que o aluno encontrou no museu  
Fonte: Dados da pesquisadora

Por meio da análise das respostas obtidas nos gráficos quatorze e quinze, constatamos que após a realização da visita ao museu a visão dos alunos modificou-se. Inicialmente 41% dos entrevistados esperavam encontrar no museu informação, após a realização da visita esse número se alterou, passando para 55%. Tal resultado demonstra que a realização da visita ao museu foi capaz de alterar a visão que os alunos apresentavam sobre esse espaço. Nesse sentido, a observação e o contato com os objetos museais possibilitaram aos alunos vivências e reflexões significativas sobre a história e a preservação da memória, reforçando a compreensão desses espaços enquanto instituições direcionadas para a construção e divulgação do saber.

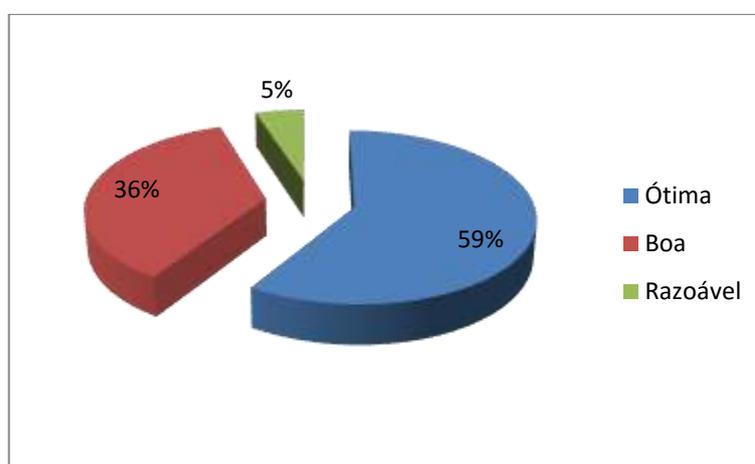


Gráfico 16 - Impressão sobre o museu  
Fonte: Dados da pesquisadora

Quando questionados sobre a impressão que tiveram do Museu Vale a maioria dos alunos respondeu que foi ótima (Gráfico 16).

Quando questionados sobre a motivação para realizar a visita ao Museu Vale, dezesseis dos vinte e dois entrevistados, afirmaram fazer parte de atividades propostas pela escola, para consolidar os conhecimentos inicialmente trabalhados dentro de sala de aula.

A1: “Para ter uma informação visual do assunto estudado teoricamente”.

A9: “Viemos buscar conhecimentos em relação ao trabalho da escola”.

Podemos constatar, por meio das falas dos entrevistados, que os espaços museais são utilizados pelos profissionais da educação como um instrumento de enriquecimento dos conhecimentos trabalhados em sala de aula, justamente por ser um espaço vivo, que retrata por meio dos objetos do acervo uma realidade vivida e construída por uma geração.

Tal pensamento vai ao encontro do que diz Rocha (2008) ao considerar fundamental uma articulação entre escola e demais espaços. A escola tem um papel fundamental nas ações de alfabetização científica, “[...] porém, ela não é capaz de fazer isso sozinha, uma vez que, o volume de informação é cada vez maior, por isso a importância de uma parceria desta com outros espaços onde se promove a educação não formal” (Rocha, 2008, p. 62). Desse modo é necessária uma articulação entre educação formal e educação não formal, em que a escola incorpore atividades de visitação a espaços de divulgação dos conhecimentos científicos.

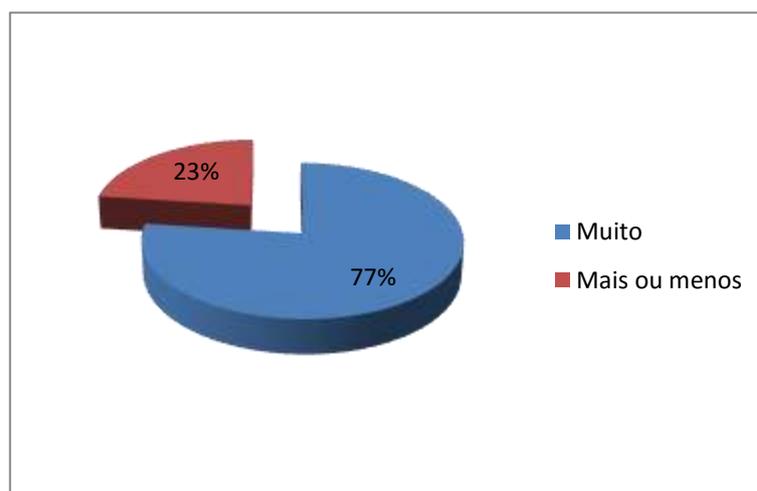


Gráfico 17 - O museu contribuiu para sua aprendizagem  
Fonte: Dados da pesquisadora

A maioria dos alunos entrevistados afirmou, conforme demonstra o Gráfico 17, que a visita ao museu contribuiu para a sua aprendizagem. Tal resultado está associado ao gráfico de número treze, no qual os alunos consideraram a atividade da visita prazerosa. Tal resultado corrobora com as ideias contidas nos PCNs (1998), que afirmam que visitas aos espaços museais configuram-se como recursos didáticos, com características lúdicas, que favorecem o envolvimento dos alunos, estimulando o interesse e a participação.

É gratificante e significativo, para o professor e para os seus alunos, trabalhos que envolvam saídas da sala de aula ou mesmo da escola; visitar uma exposição em um museu, visitar uma fábrica, fazer uma pesquisa no bairro, conhecer cidades históricas, etc. Essas situações são geralmente lúdicas e representam oportunidades especiais para todos se colocarem diante de situações didáticas diferentes, que envolvam trabalhos especiais de acesso a outros tipos de informações e outros tratamentos metodológicos de pesquisa (PCNs, 1998, p.61).

Quando questionados sobre possíveis atividades a serem realizadas após a visita, os alunos disseram que o professor (a) solicitou previamente algumas atividades, tais como: construção de textos e debates entre os alunos.

A2: “A professora pediu para fazer um debate jornalístico, vamos falar do local”.

A14: “Vamos falar dos fatos que mais chamaram nossa atenção”.

A22: “Iremos trabalhar sobre o que vimos no museu, vamos fazer uma redação”.

Nesse sentido destacamos os apontamentos realizados por Pacheco (2012, p.78) ao ressaltar a necessidade da realização de atividades posteriores à visita, em que “[...] o sentido deste momento é a utilização na escola da própria linguagem museológica como suporte para a comunicação do que foi vivido e aprendido durante a atividade”.

Em seguida os alunos responderam se existiu um planejamento para realizar a visita e se o professor abordou previamente, dentro da sala de aula, o tema da visita. Nesse sentido, todos os vinte e dois entrevistados afirmaram que houve sim um planejamento e que o professor também abordou previamente o tema que seria trabalhado.

Nesse aspecto, Pacheco ressalta que:

O planejamento para o uso didático do museu na sala de aula deve estar atento e prever, inicialmente, a vinculação dos conteúdos estudados à exposição que será visitada, segundo, a realização da visita com uma programação definida e, de volta à sala de aula, a utilização da experiência vivida no museu para a realização de uma produção cultural (PACHECO, 2012, p. 68).

E, por fim, os alunos responderam sobre a importância das visitas ao museu. As respostas obtidas direcionaram-se para aspectos lúdicos, espaço de memória e associação entre teoria e prática.

A2: “Uma aula mais legal e divertida”.

A7: “É muito importante, pois mostra o quanto as coisas mudam”.

A9: “É importante porque trata-se da memória de um povo que está sendo contada ali”.

A17: “Ver na prática o que aprendemos na teoria”.

A19: “O que você trabalha na escola você vê lá na hora como prática. É melhor que na escola”.

Durante as visitas, ficou evidente que a maioria dos alunos se interessou pela atividade desenvolvida no Museu Vale. No início, os alunos estavam sempre mais quietos, observando, fazendo comentários com os colegas. À medida que o grupo ia avançando pelos pavimentos do museu começavam a surgir os questionamentos ao mediador e mais comentários com os colegas. A visita à maquete ferroviária era o momento mais aguardado pelos alunos que, extasiados, acompanhavam atentamente a trajetória do trem.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Ao longo da pesquisa buscamos evidenciar que o Museu Vale constitui-se um importante recurso no processo de ensino e aprendizagem em história, também válido para outras áreas de ensino. Além de ser considerado um espaço não formal, o museu resgata a memória da construção da centenária EFVM, por meio dos vários objetos que compõem o seu acervo. Aliado à questão lúdica e aos trabalhos desenvolvidos pela equipe educativa que busca conduzir o público visitante a apropriar-se dos objetos culturais, o Museu Vale é considerado pelos sujeitos da pesquisa como um local facilitador do aprendizado histórico, ao favorecer o envolvimento dos alunos e estimular o interesse e a participação.

Em relação à equipe educativa do Museu Vale, podemos concluir, após a análise dos resultados, que esta busca aperfeiçoar constantemente seus processos de trabalho, seja por meio de reuniões, troca de experiências e estudos, visando obter como produto final um processo de mediação que de fato contribua para a construção dos conhecimentos pelos alunos visitantes.

Constatamos que, em alguns momentos durante a realização das visitas, os alunos realizavam perguntas e questionamentos direcionados ao mediador que acompanhava o grupo. Diante das indagações, ele as respondia prontamente, buscando com a resposta desencadear reflexões no grupo. Ao adotar essa postura, o mediador estimulou a percepção dos alunos e oportunizou uma sequência de questionamentos, que talvez não tivessem ocorrido sem essa intervenção.

Ao longo dos apontamentos realizados pelos professores ficou evidente que eles reconhecem a importância do desenvolvimento de ações educativas realizadas em espaços não formais de ensino, porém não participam e nem interagem no momento da visitação. Nesse sentido, devemos considerar que uma atitude ativa do professor, e não somente dos mediadores e dos alunos, é fundamental para que se potencialize o impacto da experiência vivida pelo aluno, e assim se processe, com mais sucesso, a construção do conhecimento por ele.

Um fator que merece destaque refere-se à definição dos objetivos da atividade de visitação por parte dos professores. Observamos que na maioria das vezes os alunos foram conduzidos ao museu com uma motivação claramente definida, porém houve algumas situações em que esses objetivos não se

apresentaram com tanta nitidez. Definir os objetivos didáticos a serem alcançados com a visita é fundamental para que a atividade alcance uma finalidade pedagógica e não se torne um simples passeio conduzido pela escola.

Também verificamos que as atividades desenvolvidas no Museu Vale, favoreceram experiências significativas, que contribuem para o envolvimento dos educandos e estimulam o interesse e a participação de todos. Nesse sentido, as aulas-visitas aos museus configuram-se como um instrumento complementar para as atividades propostas pela escola, em que educação formal e educação não formal se articulam, conduzindo os alunos a construir seus conhecimentos a partir das vivências realizadas.

Desse modo, o museu é capaz de oferecer aos alunos em visita, recursos para a construção de conhecimentos baseados em práticas, observações e vivências, diferentemente do conhecimento pronto e acabado oferecido pelas escolas, baseado na oferta de livros e apostilas.

A proposta dos *workshops*, parte integrante deste estudo, foi pensada após conversa com uma das mediadoras, que afirmou que a instituição contava atualmente com um número reduzido dessas atividades – somente três. Desse modo foram estruturadas duas atividades didáticas em forma de jogo, um caça-palavras e um jogo da trilha. O primeiro engloba os vários objetos que compõem o acervo do museu e o segundo narra a história da construção da EFVM, por meio de uma trilha, destacando os momentos mais significativos. Tais atividades foram apresentadas à coordenadora da equipe educativa do Museu Vale e se encontram nos Apêndices F e G.

Desse modo, a pesquisa desenvolvida buscou apresentar atividades (*workshops*), reflexões e relatos das experiências de mediadores, professores e alunos, ocorridas dentro do Museu Vale, de modo que tais ações possam contribuir e estimular cada vez mais a utilização desses espaços não formais de ensino para o desenvolvimento dos processos de ensino e aprendizagem.

Podemos afirmar que, conseguimos alcançar os objetivos propostos, uma vez que, apresentamos o Museu Vale como um recurso facilitador do processo de ensino e aprendizagem dos alunos visitantes. Esse espaço não formal de ensino permite o desenvolvimento de abordagens práticas e dinâmicas dos conteúdos por meio de ações mediadas pelos integrantes da equipe educativa do referido museu.

Os ambientes dessa instituição foram apresentados e caracterizados, demonstrando suas potencialidades, assim como as atividades propostas e desenvolvidas com os alunos após a realização da visita.

Assim, verificamos que o Museu Vale é utilizado por professores como local para complementação das suas aulas, onde os conteúdos são contextualizados e se tornam mais próximos da realidade dos alunos. Já os mediadores utilizam esse espaço para construção e divulgação dos conhecimentos, onde os objetos do acervo são capazes de narrar a história. Essa história, mediada com os alunos, por meio de símbolos, imprimem sentido a atividade da visitação. E, por fim, os alunos, que percebem esses espaços como locais lúdicos, onde ocorrem situações didáticas diferentes da escola, favorecendo assim, a construção das suas próprias observações e interpretações e a construção de seus próprios conhecimentos.

Ressaltamos que as visitas aos museus não devem ser vistas como atividades salvadoras, que irão resolver todas as dificuldades atualmente encontradas pelos profissionais ao ensinar história. A pesquisa aponta a realização de visitas aos museus como uma opção metodológica e recurso, a ser utilizado pelos profissionais da educação ao planejar suas aulas de história, superando, assim, pequenas dificuldades/limitações existentes em muitas escolas, como a falta de material e o ensino baseado somente em livros e apostilas.

E ainda aponto a necessidade de preparar, por parte do Museu Vale os professores que pretendem realizar visitas e desenvolver atividades nesse valioso espaço. Assim, esses profissionais podem vir a conhecer melhor as potencialidades dessa instituição, trabalhando questões relacionadas ao papel do museu na educação, obtendo subsídios para criarem estratégias pedagógicas de como trabalhar com o acervo exposto e incentivando visitas a esses espaços. Dada a importância dessa pesquisa e relevância do assunto, consideramos o tema em aberto, deixando como sugestão para estudos futuros.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ABUD, Kátia Maria, SILVA, André Chaves de Melo, ALVES, Ronaldo Cardoso. **Ensino de História**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

ALMEIDA, Adriana Mortara; VASCONCELLOS; Camilo e Mello. Por que visitar museus. In. BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes (Org.) O saber Histórico na sala de aula. 11 ed. São Paulo: Contexto, 2006. P.104-116

BIZERRA, A. MARANDINO, M. **Mediação em museus de ciências**: contribuições da teoria Histórico-Cultural. Revista Museologia e Interdisciplinaridade. v. 03, n. 05, p. 113-130, 2014.

BOGDAN, R. BIKLEN, S. **Investigação qualitativa em educação**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL, Ministério da Educação. **Lei de diretrizes e bases da educação (LDB)**. Brasília, 1996. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm)>. Acesso em 20 out. de 2014.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Ciências Naturais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 138p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/ciencias.pdf>>. Acesso em: 01 fev. 2016.

BRASIL, Ministério da Cultura. **Política Nacional de Museus**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Brasília, 2007. 188p. Disponível em:<[https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica\\_nacional\\_museus.pdf](https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2010/01/politica_nacional_museus.pdf)>. Acesso em 02 fev. 2016.

COMPAGNONI, A. M. **Em cada museu que a gente for carrega um pedaço dele**: compreensão do pensamento histórico de crianças em ambiente de museu. 2009. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade Federal do Paraná. Curitiba. 2009.

DOMINGUES, Heloísa Maria Bertol; Sá, Magali Romero. **O Museu Nacional e o Ensino das Ciências Naturais no Brasil no Século XIX**. Revista da SBHC, n. 15, p. 79-88, 1996.

ENQUITA, Mariano F. **Centros, redes, projetos**. Cadernos de Pesquisa Pensamento Educacional. Curitiba, UTP, v. 4, n. 7, p. 23-39, 2009.

FIGURELLI, G. R. **Articulações entre educação e museologia e suas contribuições para o desenvolvimento do ser humano**. Revista Museologia e Patrimônio, Rio de Janeiro, v. 04, n. 01, p. 111-130, 2011.

GADOTTI, Moacir. **A questão da educação formal/não formal**. INSTITUT INTERNATIONAL DES DROITS DE L'ENFANT (IDE). Droit à l'éducation: solution à tous les problèmes ou problèmes sans solution? Sion (Suisse), 18 au 22 octobre 2005. Disponível em: <[http://www.vdl.ufc.br/solar/aula\\_link/lquim/A\\_a\\_H/estrutura\\_pol\\_gest\\_e](http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_e)>. Acesso em: 14 jan. 2016.

GODOY, Arilda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades**. RAE - Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 57-63, 1995.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e o educador social**. Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010. 104p.

ICOM - Museum Definition – 2007. In: ICOM –Development of the Museum Definition according to ICOM Statutes (2007-1946). Disponível em: <<http://icom.museum/the-vision/museum-definition/>>. Acesso em: 15 fev. 2016.

JULIÃO, Letícia. Apontamentos sobre a História do Museu. In: **Caderno de diretrizes museológicas**. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. 2 ed. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura, 2006. P. 17-30. Disponível em: <[http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno\\_Diretrizes\\_I%20Completo.pdf](http://www.cultura.mg.gov.br/files/Caderno_Diretrizes_I%20Completo.pdf)>. Acesso em 08 mar. 2016.

LAKATOS, E. M, MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LIBÂNIO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, (Coleção magistério Série Formação do professor). 2008.

MACHADO, Maria Iloni Seibel. **O papel do setor educativo nos museus: análise da literatura (1987 a 2006) e a experiência do museu da vida**. 244 p. Tese (Doutorado em Geociências) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2009.

MARANDINO, Martha (Org.). **Educação em museus: a mediação em foco**. São Paulo: Geenf/FEUSP, 2008. 48 p. Disponível em:< <http://parquecientec.usp.br/wp-content/uploads/2014/03/MediacaoemFoco.pdf>>. Acesso em 08 jan. 2016.

MARTINS, L. C. **A Constituição da educação em Museus: o funcionamento do dispositivo pedagógico museal por meio de um estudo comparativo entre museus de artes plásticas, ciências humanas e ciência e tecnologia**. 390 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MONACO, Luciana. M. **O Setor Educativo de um Museu de ciências: um diálogo com as comunidades de prática**. 160 p. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

MONACO, Luciana M; MARANDINO, Martha. **A compreensão da prática educativa de um museu na perspectiva das comunidades de prática**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade de Brasília. v. 01, n. 06, p. 69-88, 2015.

MOREIRA, A.F.B.; CANDAU, V.M. **Educação escolar e cultura(s): construindo caminhos**. Revista Brasileira de Educação. n.º 23, p.156-167. 2003.

OLIVEIRA, Sabrina Soares de. **A função educativa da Seção de Extensão Cultural do Museu Nacional na gestão do Educador Paschoal Lemme (1943-1946)**. 2013. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. São Gonçalo. 2013.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. **O MUSEU NA SALA DE AULA: propostas para o planejamento de visitas aos museus**. Tempo e Argumento, v. 04, p. 63-81, 2012.

PINTO, J. R. **O papel social dos museus e a mediação cultural: conceitos de Vygotsky na arte-educação não formal**. Revista Palíndromo, São Paulo, v. 07, p. 81-108, 2012.

ROCHA, Sônia Cláudia Barroso da. **A escola e os espaços não-formais: possibilidades para o ensino de ciências nos anos iniciais do ensino fundamental**. Dissertação (Mestrado em Educação e Ensino de Ciências na Amazônia) Universidade do Estado do Amazonas, Manaus, 2008.

SANTOS, Myrian Sepúlveda. **Museus Brasileiros e Política Cultural**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, v. 19, n. 55, p. 53-73, 2004.

SILY, Paulo Rogério Marques. **Casa de ciência, casa de educação: Ações educativas do Museu Nacional (1818-1935)**. 2012. 399 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

SIMAN, Lana Mara de Castro, COSTA, Carina Martins, NASCIMENTO, Silvana Sousa do. **Escola e Museus: diálogos e práticas**. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Cultura/ Superintendência de Museus; Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ Cefor, 2007.

VALENTE, M. E. A. **Museus de Ciências e Tecnologia no Brasil: uma história da museologia entre as décadas de 1950-1970**. 276 p. Tese (Doutorado em Ciências) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

VIGOTSKI, L. **A formação social da mente**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

## **APÊNDICES**

APÊNDICE A

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E**  
**DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

(Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012. Publicada no D.O.U. de 09/11/2012)

**SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA**

Prezados (as) Senhores (as)

Eu, Victória Lacerda, mestranda, responsável principal pelo projeto de Dissertação de Mestrado intitulada **Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços museais para o ensino de história – Museu Vale/ES** pertencente ao curso de **Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional** da **Faculdade Vale do Cricaré**, solicita autorização dessa unidade escolar para realizar a pesquisa de campo com seus alunos e professores durante a visita ao Museu Vale, com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado. A pesquisa será orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Sônia Maria da Costa Barreto.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador

## APÊNDICE B

### FACULDADE VALE DO CRICARÉ MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

(Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012. Publicada no D.O.U. de 09/11/2012)

#### SOLICITAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO PARA PESQUISA

Prezados (as) Senhores (as)

Eu, Victória Lacerda, mestrande, responsável principal pelo projeto de Dissertação de Mestrado intitulada **Relação museu-escola: uma análise da contribuição dos espaços museais para o ensino de história – Museu Vale/ES** pertencente ao curso de **Mestrado Profissional em Gestão Social, Educação e Desenvolvimento Regional** da **Faculdade Vale do Cricaré**, solicita ao Diretor do Museu Vale autorização para realizar a pesquisa de campo, com o objetivo de desenvolver trabalho de Mestrado. A pesquisa será orientada pela Professora Dr<sup>a</sup> Sônia Maria da Costa Barreto.

Contando com a autorização desta instituição, colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento.

Atenciosamente,

---

Assinatura do Pesquisador

APÊNDICE C

ENTREVISTA

**FACULDADE VALE DO CRICARÉ**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E**  
**DESENVOLVIMENTO REGIONAL**

(Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012. Publicada no D.O.U. de 09/11/2012)

Prezado (a) mediador,

Esta entrevista é parte integrante de uma Pesquisa acadêmica que visa investigar como o Museu Vale é utilizado por professores, alunos e mediadores como um recurso de ensino aprendizagem na área de história. Venho respeitosamente pedir que colabore com seus conhecimentos e opiniões sobre o Museu Vale, pois estas informações contribuirão muito na construção desta pesquisa. Abaixo, seguem algumas orientações:

- Sua participação é de extrema importância;
- Sinta-se à vontade para responder;
- Considerando o sigilo, sua identificação não será divulgada.

1- FORMAÇÃO ACADÊMICA:

( ) Graduação ( ) Pós-graduação ( ) Mestrado

2- EXERCE OU JÁ EXERCEU O MAGISTÉRIO? DURANTE QUANTO TEMPO?

( ) Sim ( ) Não

\_\_\_\_\_

3- HÁ QUANTO TEMPO ATUA NA EQUIPE EDUCATIVA DO MUSEU VALE?

( ) 1 ano ( ) 2 a 4 anos ( ) 5 anos ( ) mais de 5 anos

4- QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE MUSEU?

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

5- ANTES DE RECEBER A VISITA DA ESCOLA EXISTE ALGUMA PREPARAÇÃO DA EQUIPE EDUCATIVA DO MUSEU? DE QUE MANEIRA ISSO OCORRE?

---

---

---

---

6- VOCE ACHA QUE O MUSEU VALE CONTRIBUI PARA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM DOS ALUNOS VISITANTES? DE QUE MANEIRA?

( ) De forma significativa ( ) de forma razoável ( ) não contribui

---

---

---

---

7- QUAIS ESTRATÉGIAS/RECURSOS VOCÊ UTILIZA PARA PROMOVER A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS VISITANTES?

---

---

---

---

8- COMO É A RELAÇÃO/INTERAÇÃO ENTRE A EQUIPE EDUCATIVA DO MUSEU VALE E OS PROFESSORES QUE TRAZEM OS ALUNOS?

( ) De proximidade ( ) De pouca proximidade ( ) Não existe contato

9- COMO SE COMPORTAM OS ALUNOS DURANTE A VISITA AO MUSEU VALE?

( ) com muito interesse ( ) com pouco interesse ( ) sem motivação

10- COMO VOCÊ MEDIADOR UTILIZA O MUSEU VALE COMO RECURSO NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM?

---

---

---

---

---

## APÊNDICE D

### FACULDADE VALE DO CRICARÉ MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

(Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012. Publicada no D.O.U. de 09/11/2012)

Prezado (a) professor,

Esta entrevista é parte integrante de uma Pesquisa acadêmica que visa investigar como o Museu Vale é utilizado por professores, alunos e mediadores como um recurso de ensino aprendizagem na área de história. Venho respeitosamente pedir que colabore com seus conhecimentos e opiniões sobre o Museu Vale, pois estas informações contribuirão muito na construção desta pesquisa. Abaixo, seguem algumas orientações:

- Sua participação é de extrema importância;
- Sinta-se à vontade para responder;
- Considerando o sigilo, sua identificação não será divulgada.

1- FORMAÇÃO ACADÊMICA:

---

2- POSSUI PÓS-GRADUAÇÃO? EM QUE NÍVEL?

( ) especialização ( ) mestrado ( ) doutorado

3- HÁ QUANTO TEMPO EXERCE O MAGISTÉRIO?

- ( ) menos de 03 anos
- ( ) de 03 a 05 anos
- ( ) de 06 a 10 anos
- ( ) há mais de 10 anos

4- QUAL A SUA CONCEPÇÃO DE MUSEU?

---

---

---

---

5- QUAL A IMPORTÂNCIA DA VISITA AO MUSEU PARA OS ALUNOS?

---

---

---

---

6- HOUVE PLANEJAMENTO PARA IR AO MUSEU VALE?

( ) SIM ( ) NÃO

7- QUAIS OS OBJETIVOS PARA ESSA VISITA?

---

---

---

---

8- APÓS A VISITA AO MUSEU, O QUE OCORRE QUANDO OS ALUNOS RETORNAM A ESCOLA?

---

---

---

---

9- QUAL A CONTRIBUIÇÃO DA VISITA AO MUSEU PARA A SUA PRÁTICA EDUCATIVA?

---

---

---

---

10- COMO FOI A RELAÇÃO/INTERAÇÃO ENTRE VOCE PROFESSOR E A EQUIPE EDUCATIVA DO MUSEU VALE? O MUSEU VALE SE PREPAROU PARA RECEBER A TURMA?

---

---

---

---

## APÊNDICE E

### FACULDADE VALE DO CRICARÉ MESTRADO PROFISSIONAL EM GESTÃO SOCIAL, EDUCAÇÃO E DESENVOLVIMENTO REGIONAL

(Reconhecido pela Portaria MEC/CNE nº 1.324 de 08/11/2012. Publicada no D.O.U. de 09/11/2012)

Prezado (a) aluno,

Esta entrevista é parte integrante de uma Pesquisa acadêmica que visa investigar como o Museu é utilizado por professores, alunos e mediadores como um recurso de ensino aprendizagem na área de história. Venho respeitosamente pedir que colabore com seus conhecimentos e opiniões sobre o Museu, pois estas informações contribuirão muito na construção desta pesquisa. Abaixo, seguem algumas orientações:

- Sua participação é de extrema importância;
- Sinta-se à vontade para responder;
- Considerando o sigilo, sua identificação não será divulgada.

1- QUAL SUA IDADE:

- ( ) 10 a 15 anos
- ( ) 16 a 20 anos
- ( ) 21 a 25 anos
- ( ) 26 anos ou mais

2- QUAL SÉRIE ESTA CURSANDO: \_\_\_\_\_

3- SEXO: ( ) M ....( ) F

4- QUANTOS MUSEUS VOCÊ JÁ VISITOU?

- ( ) um ( ) dois ( ) mais de dois

QUAIS?

---

---

5- O QUE VOCÊ ACHA DESSA ATIVIDADE?

- ( ) prazerosa ( ) boa ( ) diferente ( ) não gosto

6- O QUE VOCÊ ESPERA ENCONTRAR NO MUSEU?

( ) informação ( ) peças antigas ( ) coisas interessantes ( ) coisas velhas

7- O QUE VOCÊ ENCONTROU NO MUSEU?

( ) informação ( ) peças antigas ( ) coisas interessantes ( ) coisas velhas

8- QUAL A SUA IMPRESSÃO SOBRE O MUSEU?

( ) ótima ( ) boa ( ) razoável ( ) ruim

9- POR QUE VOCÊ ESTÁ VISITANDO O MUSEU?

---

---

---

10- VOCÊ ACHA QUE O MUSEU VALE CONTRIBUIU PARA A SUA APRENDIZAGEM?

( ) MUITO ( ) MAIS OU MENOS ( ) POUCO ( ) NADA

11- APÓS A VISITA AO MUSEU, O (A) PROFESSOR (A) SOLICITOU QUE VOCÊ REALIZASSE ALGUMA ATIVIDADE?

---

---

---

12- HOUVE UM PLANEJAMENTO PARA IR AO MUSEU?

( ) SIM ( ) NÃO ( ) NÃO LEMBRO

13- SEU PROFESSOR (A) TRABALHOU INICIALMENTE EM SALA DE AULA O TEMA DA VISITA?

( ) SIM ( ) NÃO

14- EM SUA OPINIÃO, QUE IMPORTÂNCIA TEM AS VISITAS AO MUSEU?

---

---

---

## APÊNDICE F

### ATIVIDADE: JOGO DA TRILHA

Considerando que o Museu Vale disponibiliza um espaço adequado para a realização de workshops, após a conclusão da atividade de visita dos alunos, propomos a realização de um Jogo de Trilha com alunos entre 14 a 16 anos.

#### Objetivo Principal:

- Ampliar o conhecimento da cultura local através do conhecimento da história da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM).

#### Objetivos Secundários:

- Expandir conhecimentos em torno da ferrovia, apresentando uma sequência cronológica da construção da EFVM;
- Promover valorização da cultura local;
- Reconhecer os sujeitos como construtores e agentes ativos do processo histórico;
- Consolidar os conhecimentos que foram adquiridos no momento da realização da visita dos alunos aos espaços do museu.

Tempo previsto: 40 minutos

#### Recursos e materiais utilizados:

- 8 dados;
- Jogo da trilha.

#### Sequência da atividade:

Num primeiro momento os alunos serão divididos em grupos de 4. Após serão disponibilizados um dado para cada grupo, bem como o jogo da trilha confeccionado. Os alunos terão um total de 40 minutos para finalizar a atividade.

### JOGO DA TRILHA:

<b>1</b> SAÍDA: VITÓRIA/ ES	O 1º trecho da ferrovia foi inaugurado em 1904, ligando Vitória a Sta Leopoldina.	<b>3</b>	<b>4</b>	Estação de Colatina.	<b>6</b>	Retornar a Estação de Colatina no E.S.	<b>8</b>
							<b>9</b>
Estação de Aimorés.	<b>16</b>	<b>15</b>	<b>14</b>	As dificuldades encontradas pelos trabalhadores foram inúmeras. Dentre elas, um surto de malária e tuberculose.	<b>12</b>	<b>11</b>	A ferrovia foi construída em uma região de selvas (Mata Atlântica).
<b>18</b>							
<b>19</b>	1922: A EFVM chega a Ipatinga/MG.	<b>21</b>	Retornar a Estação de Aimorés.	<b>23</b>	<b>24</b>	A EFVM foi planejada para acompanhar as margens do Rio Doce.	<b>26</b>
							<b>27</b>
O trem transportava tanto passageiros quanto minério de ferro.	<b>34</b>	<b>33</b>	A falta de saneamento básico naquela época provocou o adoecimento e morte de vários trabalhadores.	<b>31</b>	<b>30</b>	<b>29</b>	Estação de Governador Valadares.
Em 1943 os trilhos da ferrovia chegaram a Itabira, em MG.							
<b>37</b>	<b>38</b>	Retornar uma casa antes da Estação de Governador Valadares.	<b>40</b>	Durante o governo de Getúlio Vargas- 1945 (nacionalista) foram realizadas ações de melhoria na ferrovia.	<b>42</b>	1ª Guerra Mundial e a 2ª Guerra Mundial atrasaram o término das obras de construção da ferrovia.	<b>44</b> CHEGADA: BELO HORIZONTE/ MG

## APÊNDICE G

### ATIVIDADE: CAÇA-PALAVRAS

Considerando que o Museu Vale disponibiliza um espaço adequado para a realização de workshops, após a conclusão da atividade de visita dos alunos, propomos a realização de um caça-palavras com alunos entre 10 a 14 anos.

#### Objetivo Principal:

- Ampliar o conhecimento da cultura local através do conhecimento da história da Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM).

#### Objetivos Secundários:

- Expandir conhecimentos em torno da ferrovia, apresentando os objetos que compõem o acervo do museu vale;
- Consolidar os conhecimentos que foram adquiridos no momento da realização da visita dos alunos aos espaços do museu.

Tempo previsto: 40 minutos

#### Recursos e materiais utilizados:

- lápis;
- borracha;
- caça-palavras.

#### Sequência da atividade:

Será disponibilizado para cada aluno um lápis, uma borracha e uma folha contendo o jogo caça-palavras. Os alunos terão um total de 40 minutos para finalizar a atividade.

**CAÇA- PALAVRAS:** Circule na tabela abaixo os objetos que você acabou de visualizar na visita ao Museu Vale.

- (?) LOCOMOTIVA
- (?) ESTRADA
- (?) MUSEU
- (?) ESTACAO
- (?) MAQUINARIO
- (?) ACERVO
- (?) HISTORIA
- (?) EXPOSICAO
- (?) MAQUETE
- (?) FERROVIARIA
- (?) FOTOS
- (?) EQUIPAMENTOS
- (?) FERRAMENTAS
- (?) MAQUINAS
- (?) TRILHOS
- (?) MUSEOLOGIA

Z	R	U	À	Â	Ê	P	R	H	P	O	W	M	O
D	Y	O	B	X	Z	D	S	H	R	D	G	S	Ô
O	Ú	V	V	M	F	I	O	G	Í	L	Q	A	J
R	Ç	R	Ú	Á	S	M	T	Á	Ô	O	Q	N	C
F	S	E	Ó	D	Ò	Õ	N	X	P	C	Q	I	Ô
E	O	C	G	R	W	I	E	Ô	R	O	Ô	U	É
R	H	A	Á	R	Ã	V	M	U	Q	M	F	Q	É
R	L	Q	Ò	À	M	A	A	Ô	V	O	É	A	J
O	I	É	Á	X	A	Z	P	W	C	T	X	M	Ü
V	R	Ô	Õ	N	Q	X	I	Z	E	I	À	E	C
I	T	Ã	M	Ó	U	V	U	Ô	T	V	G	N	R
A	Ç	U	U	A	I	E	Q	É	E	A	M	O	E
R	Ã	Q	S	Q	N	V	E	À	U	N	Õ	A	À
I	P	Á	E	M	A	N	P	Ü	Q	Õ	L	C	D
A	O	S	U	U	R	Q	T	Q	A	V	H	I	M
I	Q	A	A	Q	I	B	Ê	O	M	F	F	S	R
G	J	X	C	T	O	Ç	Ê	Ô	Ü	O	J	O	Z
O	A	X	É	A	N	Ô	Ò	Ã	Ç	T	F	P	L
L	D	D	O	Ú	T	E	T	T	D	O	O	X	Á
O	E	À	A	N	Ô	S	M	V	I	S	Z	E	Ú
E	Z	A	E	R	É	Í	E	A	Ü	O	Q	Y	O
S	A	Ü	C	Ó	T	Ú	Õ	V	R	D	M	I	M
U	Ê	V	Ú	T	T	S	U	A	P	R	Ò	J	D
M	I	A	V	Ã	Z	Ü	E	Ã	H	Ò	E	L	Ó
A	I	R	O	T	S	I	H	B	A	P	G	F	S

